

# NOVAS DA GALIZA

— PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA —



**"Queremos romper com os preconceitos, demonstrando que a sociedade galega é dinâmica e a realidade política nom é um reflexo da realidade social"**

Ângelo Pineda Marinho, membro do Espaço Galego dos Países Cataláns

PÁGINA 16 |

## Os novos problemas da costeira do bonito

*A lenta recuperaçom da pesca enfrenta outros problemas, como a subida do preço do gasóleo*

**REDACÇOM** / Ano após ano, em acabando as festas do Carmo, dos nossos portos cantábricos partem para as costas açorianas os barcos que participam na actividade piscatória por excelência dos meses do Verão: a costeira do bonito. Há já mais de dez anos que marinheiros bascos e galegos se enfrentárom, perante o desleixo das instituições espanholas, à frota francesa e britânica que utilizava métodos de pesca depredadores com os recursos marinhos. Era a chamada 'guerra do bonito'. Hoje, as volantas, apesar das duras negociaçõs que conduzírom à sua eliminação, som proibidas, e apesar da reduçom da frota bonita imposta pola UE, alguns

barcos voltam ao trabalho após o fim das hostilidades entre boniteiros tradicionais e volanteiros, e consequentemente, a recuperaçom do volume dos bancos de bonito. Mas quando parecia que o aumento das capturas estava a propiciar a recuperaçom do sector, outros problemas pairam na actualidade sobre a pesca do bonito. As oscilaçõs dos preços e do volume de capturas pode ser abismal de ano para ano e mesmo dentro de umha mesma temporada. Esta circunstância, assim como a subida dos preços do gasóleo, parecem ter relaçom com o facto de que as vendas de peixe mal cubram os custos da actividade piscatória. / Pag. 14



## Fracassa a tentativa da Junta de 'galeguizar' Uniom Fenosa

ACS FAI-SE COM O CONTROLO COMPRANDO AS AÇONS DO SCH

**REDACÇOM** / Sem dúvida, a Oferta Pública de Ações (OPA) que Gás Natural lançou sobre Endesa é o pano de fundo desta nova operaçom. Com a previsível reestruturaçom do oligopólio energético, Fenosa adquire um valor especial, nomeadamente no comércio internacional, como o latino-americano e o asiático, onde este tipo de empresas contam com enormes facilidades, e até impunidade, para monopolizarem os mercados. Fenosa controla, por exemplo, o abastecimento energético de polo menos 10 países latino-americanos. Assim, esta eléctrica converteuse no objectivo prioritário tanto do empresariado galego ou das

empresas portuguesas Galp e Electricidade de Portugal (EPP), como do capital espanhol interessado em manter Madrid como centro das grandes fortunas espanholas. E este último sector financeiro foi o que acabou por ganhar. Um telefonema a Emilio Botim do multimilionário Carlos March, presidente da Corporaçom Financeira Alba, principal accionista de ACS (Actividades de Construções e Serviços SA), frustrou os movimentos de grandes empresários galegos, encabeçados por Amancio Ortega e apoiados pola Junta, que pretendiam fazer-se com o controlo da Eléctrica. O resultado foi a compra por parte de ACS (que já figu-

ra entre as 500 empresas mais poderosas do mundo) das ações do Banco Santander Central Hispano (SCH), convertendo-se no grupo dominante em Fenosa, com umha participaçom de 22,07%, por meio de umha sociedade anónima da sua propriedade: Promotora de Projectos Integrados (PR Pisa).

No entanto, fontes críticas com a actual gestom energética consultadas por NOVAS DA GALIZA, afirmam que a 'galeguizaçom' de Fenosa nom ia implicar nenhuma obrigaçom para que a companhia melhorasse o serviço na Galiza, especialmente deficiente apesar de produzirmos 10% de toda a energia eléctrica estatal. / Pag. 10



**Francisco Vázquez reaparece no debate territorial com umha enorme bandeira espanhola no passeio de Orçám**

**Pretende que seja a localizaçom permanente do estandarte, que já provocou cargas e detençõs no dia da Hispanidade**

PÁGINA 04 |

E AINDA...



Conselharia do Ambiente resolve adiar compostagem em favor de central de biomassa em Cerzeda / 06

**CONSELHO DA EUROPA recomenda imersom lingüística no ensino para o galego / 05**

**INDEPENDENTISMO CELEBRA EM Vigo e Carral o dia da Galiza Combatente / 07**

**Vai-se o petróleo, volta o agro por Gustavo Luca de Tena / 02**

**Terra da... cinza por Anxo Collarte / 03**

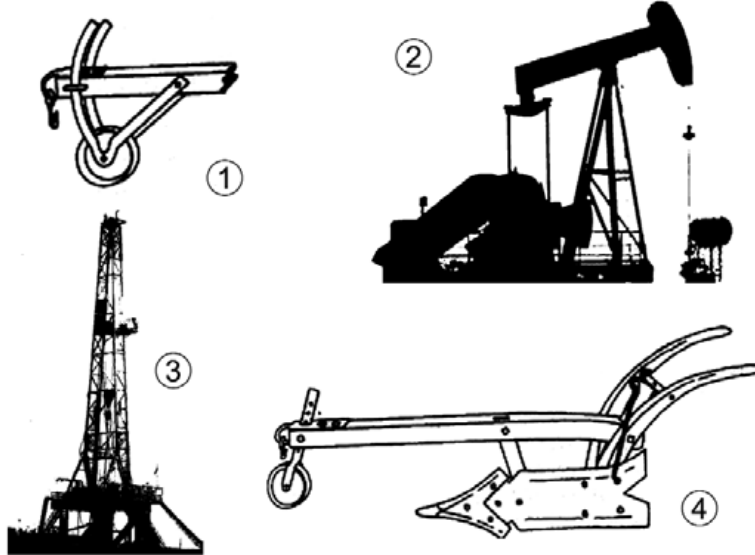


# Vai-se o petróleo, volta o agro

GUSTAVO LUCA DE TENA

A subida do petróleo provocada pela invasão do Iraque baixa a tensão do sangue em todo o mundo. Os países industrializados estão paralisados pelo terror e a Grande Imprensa faz um esforço por colocar em primeira página outros assuntos que distraiam a atenção. Trata-se de que o universo leitor não relacione o problema dos combustíveis fósseis com o aumento dos preços e com o deval da vida. O esforço por afastar a vista do problema revela bem às claras que o assunto não é uma brincadeira. O matemático Yves Cochet, que foi ministro do Meio Ambiente no governo de Lionel Jospin, diz que apesar de não vivermos uma apocalipse (calcula que haverá petróleo até 2050) temos que assumir que assistimos ao final da era do petróleo regalado que assegurou o crescimento do Norte do planeta durante os últimos 150 anos.

Um poço de petróleo porta-se como uma garrafa de champagne: recém aberta reborda mais uma vez e só se pode servir botando mão da lei de fluidos. Para os petrolíferos, o 'peak oil' é o topo, ou pico da pirâmide, e depois de superado todo o



caminho é coisa abaixo. Nas campas de Texas, o petróleo superou o 'peak oil' em 1970 e a política exterior norte-americana consiste desde então em amarrar as reservas do mundo. Acabada metade da dotação inicial da terra, ficam reservas nos grandes fundos marinhos e nas areias asfálticas do Canadá, de extração mais cara e complicada. Há quem prefira pensar que o fim do petróleo barato

nom será morte de homem. Yves Cochet lembra que do petróleo depende o transporte. 30% do preço de um bilhete de avião vai para o querosene. Com o petróleo caro em 2010, senão antes, terão desaparecido as companhias marginais, o que deixará as indústrias de sol e praia em estado agónico. O aumento dos custos da agricultura e do transporte de alimentos acabará com as grandes

cadeias de distribuição, os 'hiper', que funcionam com preços de transporte mínimos. Se esta visão chega a ser realidade, soará a hora de revisar os sistemas agrícolas. Para produzir uma caloria com forma de alimento, hoje são precisas 13 de energia. Só aproximando o lugar de produção ao de consumo, com sistemas de cultivo tradicionais e mediante a redução de calorias de origem ani-

mal (que requerem mais calorias para serem produzidas) poderemos substituir as grandes multinacionais de preços imbatíveis.

Nos primeiros anos sessenta era vivíssimo o debate sobre o futuro da agricultura na Galiza, com ainda mais de 30% do censo activo dedicado ao campo. Todos os argumentos em prol da industrialização do agro tinham o seu alicerce no petróleo oferecido. Que pouco durou aquela razão tão arrogante e indiscutível. A realidade de hoje já não se parece nem à da França (à qual compramos as verduras, aliás) porque todas as cidades francesas recebem o fresco do seu próprio cinto agrícola. A Vigo ou à Corunha chegam repolos e maçãs do Alto Adigio!

Já há quem se ponha de cunhas ao ouvir este argumento porque pensa que a agricultura industrial não tem avançado de marcha atrás. É o mesmo que se diz aos agraristas há agora cem anos. Alcinhando-os de anacrónicos, pretendiam acabar com aquela defesa do direito a viver e habitar a própria terra que levava dentro toda a potência da convivência nacionalista. Quer queiram quer não, terá que renascer a agricultura do País, que não vai ser como a de há cem anos, mas que levará dentro o mesmo cerne nacionalista que defendeu, e não é cativa a prenda, a língua durante 500 anos e contra tudo o que choveu.

Desta feita, já não poderão dizer que não é moderno.

## O PELOURINHO DO NOVAS



Se tens alguma crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos alguma inquietação ou mesmo alguma opinião sobre qualquer artigo aparecido nas NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e não poderão exceder as trinta linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaborações, como também de resumir-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderão ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.

Endereço: [peLOURINHO@NOVASGZ.COM](mailto:peLOURINHO@NOVASGZ.COM)

## MORATINOS. ENTRELINHAS E OMISSÕES.

O chefe da diplomacia espanhola, Miguel Ángel Moratinos espalha-se em considerandos sobre a próxima cimeira ibero-americana num artigo em *El País* e não foge à regra do que temos ouvido e lido de alguns outros espanhóis para os quais Madrid não pode deixar de estar no centro do mapa. Até se compreenderia se o mapa em causa fosse apenas o de Espanha e não o de quase meio-mundo. Assim, por exemplo, logo a abrir tais considerandos, Moratinos rememora o primeiro encontro ibero-americano em Guadalajara (México) em 1991 como um "encontro entre Espanha e América" para, poucas linhas abaixo, novamente reduzir a conferência à "relação entre Espanha e a América Latina", chegando a afirmar, depois, que "as Cimeiras Ibero-Americanas têm feito mais do que outras

organizações internacionais baseadas em critérios de identidade similares, como a Commonwealth ou a Comunidade francófona". Claro que, depois de ter omitido Portugal e de ter desgraduado o Brasil à posição de condimento no gaspacho latino-americano, não se esperaria que Moratinos referisse a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa como organização baseada em critérios de identidade linguística tal como o inglês baseia a Commonwealth e o francês a Francofonia. Mas Moratinos não se dá por achado e, supondo-se que ele pensa que o castelhano será afinal o critério da "identidade ibero-americana", não hesita afirmar que, comparativamente com as organizações da língua inglesa e da língua francesa, a Comunidade Ibero-Americana resiste vantajosamente, designadamente "porque a sua identidade é mais sólida e os valores partilhados mais abundantes e homogêneos". Moratinos faz omissões graves, deixando sugerir que o espaço que Portugal e Brasil partilham

com os parceiros geográficos da Península e da América foi tomado por usurpação pela língua castelhana e esta, por sua vez, pela política externa e pela diplomacia espanhola. No resto das linhas e sobretudo nas entrelinhas, Moratinos fala da organização ibero-americana como coisa específica da "relação da Espanha com a América", nada admirando que tal coisa específica seja ou acabe por ser propriedade titulada da política externa espanhola, embora não o diga porque será feio dizer tal coisa quando se invoca "uma identidade mais sólida e valores compartilhados mais abundantes" do que a identidade e os valores da anglofonia e da francofonia - a lusofonia, para Moratinos, terá entrado na clandestinidade ou, pelo menos não tem direito de nação, sendo uma espécie de catalunhazinha da organização que Madrid anseia encabeçar face a Paris e a Londres. Lisboa, a diplomacia de Lisboa, o que é isso para fazer face?

Carlos Albino (Portugal)

## RESPOSTA A LUÍS GONZÁLEZ BLASCO 'FOZ'

Se alguém tinha ficado com dúvidas quanto ao mérito intelectual e político de Luíís Freire a partir da nota assinada por mim no número 32 do Novas da Galiza, agradeço muito a esclarecedora carta de Luís González Blasco 'Foz' publicada no PeLOURINHO do número 34, pois estivo muito longe do meu propósito depreciar a importância deste vulto galeguista. O tom crítico da nota só pretendia reflectir a frustração que para muitas pessoas, também com certeza leitores e leitoras, implicou o facto de se ter demorado mais um ano a merecida homenagem a Carvalho Calero, sobretudo depois das expectativas levantadas por alguns meios de comunicação, mas sem restar valor a Luíís Freire, cuja obra muito admiro.

Eduardo Sanches Maragoto

# Terra da... cinza

ANXO COLLARTE

Em meados do passado mês de Setembro, os cabeçalhos da imprensa regional da cidade de Ourense arrojavam à luz pública imagens a toda a cor das obras de um imóvel, dizque de 1.300 metros quadrados, qualificando-o como umha "ostentação" do quase único alcaide urbano do partido de centro galego. Semelha ratificar-se que desde há uns meses, entre a imprensa regional, ademais de terem mudado os critérios sobre o que é umha imoral ostentação, os antigos dianhos devinhérom em respeitáveis autoridades, e muitas das velhas glórias populares som já personagens execráveis. Sim, no reino do trombom, o tambor e os platilhos, já se sabe o que a qualquer lhe pode passar se nom é de quem deve ser.

Este novo episódio do ajuste de contas, perdóm, nova crise interna da direita, surpreendente para muitos polo carácter público das labazadas, é um fito mais na recomposição de lideranças; já se sabe, a partir de dom Manuel, democracia. Tornam as hostilidades num território administrativo, denominado província de Ourense, que começa a adquirir identidade própria ao redor de uns símbolos a cada passo mais definidos entre próprios e estranhos: lumes, 'enchufes' sem cabo, untos e mais untos.

Um ciclo farturento para os adaís da maioria natural está a terminar e na 'terra da chispa', comarca por comarca, já se remói há tempo a batalha polas poltronas, cada vez mais escassinhas. Atrás ficam para este populismo rapaz, amparado numha estrutura legal conhecida como PP, os bons tempos vividos desde 1995-1996, em que se chuchou sem travas em todos os estamentos administrativos. Serviços à cidadania bem adoçados com fundos europeus, nos quais fõrom refinados os instrumentos mais contundentes do clientelismo político: refinamento da carretagem eleitoral ('há que ir buscar os votos debaixo das pedras'), generalização do regime de internamento dos anciaos (elemento chave na revolução democrática que converteu os concelhos mais abstencionistas nos mais activos na hora de votar, e votar bem), aproveitamento das

amplas margens de fraude eleitoral concedidas pola normativa eleitoral (distribuição de 'papeletas' polas cozinhas, evidentemente com envelopes diferentes dos oficiais), até chegar à milagrosa multiplicação do censo e do voto emigrante ao tempo que se proclamava o fim da emigração, sem esquecer o acosso quotidiano dos adversários políticos, todos eles bem 'fichados' (há que roubar os votos).

A perda do grande delfim, no meio de um temporal de chapote desatou a primeira assada destes galeguistas de toda a vida. E há agora um ano, outro gesto de amor à Galiza via-se correspondido com umha atroz campanha do despotismo do barrete, que estigmatizava os da pucha como 'baltarusnos'. Apesar do grande esforço democrático deste centro galeguista para manter o império da cuba de cimento e do contrato temporário de (acende) apagacêndios, desde Junho som desafiuzados dos gabinetes da administração autonómica os velhos benefactores do 'fogar de Breogám'.

Somente o paço provincial resiste como baluarte do galeguismo autêntico e a proximidade da cidadania na gestom dos assuntos públicos. Perante a nova situação política já se están a tomar medidas. Rendido o dom Manuel da segunda Covadonga e cara à proclamação do novo caudilho, o papel impresso a toda a cor nom pára de desmascarar em Ourense os inimigos do centro galeguista. Depois deste Verao incinerado, por sorte há quem nom se desorienta, senom que pensa em iniciar a definitiva revolta a bordo e abandonar à sua sorte os barretes, e assim, com a experiência que dam os velhos cacicatos, devolver o bom rumo à jangada de xisto e lousa. A segunda medida magistral, denunciar a felonía de uns delegados do novo governo autonómico, que ao entrarem nos camarotes dos antigos oficiais de dom Manuel escondêrom as cores que mais luzem nos nossos montes: 'rojo y gualda'. (Cabe aguardar que desde agora estas cores se vaiam extinguindo nos nossos montes, passeios marítimos e até do país inteiro?)

# NOVAS DA GALIZA

**EDITORA**  
MINHO MEDIA S.L.

**DIRECTOR**  
Carlos Barros

**REDACTORA-CHEFA**  
Marta Salgueiro

**CONSELHO DE REDACÇÃO**  
Alonso Vidal, Antom Santos, Ivám Garcia, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho

**DESENHO GRÁFICO E MAQUETAGEM**  
Miguel Garcia, C. Barros, A. Vidal, X. Árias

**INTERNACIONAL**  
Duarte Ferrín  
Nuno Gomes (Portugal)  
Jon Etxeandia (País Basco)  
Juanjo Garcia (Países Cataláns)

**COLABORAÇÕES**  
Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, X. Carlos Ansia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Joseba Irazola, Asier Rodrigues, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germám Hermida, Celso Á. Cáccamo, João Avelado, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Gerardo Uz

**FOTOGRAFIA**  
Arquivo NGZ

**HUMOR GRÁFICO**  
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Aduaneiros sem fronteiras, Xosé Manuel.

**CORRECCIÓN LINGÜÍSTICA**  
Eduardo Sanches Maragoto

**IMAGEM CORPORATIVA**  
Miguel Garcia

**FECHO DA EDIÇÃO:** 15/10/05

As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posição do periódico. Os artigos som de livre reprodução respeitando a ortografia e citando procedência. A informação continua periodicamente no sitio web [www.novaszg.com](http://www.novaszg.com) e no portal [www.galizalive.org](http://www.galizalive.org)

## GALEGUIZAR A ESPOLIAÇÃO?

Quando a petulância dos opinólogos reclama pola 'galeguização' de Fenosa, algo renga no mais fundo. 'Galeguizar' empórios, tingir de autóctones saques globalizados, dar cartom de nacional à permanente ofensiva expropriadora das barragens e as falhas de corrente, soa tam débil e pouco convincente como as declarações estereotípicas fabricadas nos gabinetes de desenho dos partidos. Por umha associação histórica intensa com a periferia e o infortúnio (e nom por nenhuma b o n d a d e natural), a Galiza nom casa com a pretensão de oligopólio exibida por aqueles que som secundariamente galegos -e só por apelido ou querença geográfica- e prioritariamente mercadores -sempre nas altas esferas de Madrid.

O tópico acomodaticio e a paz social vam sempre de maos dadas: nom se trata de revelarmos umha verdade, com a irrupção conseguinte de tensionamentos e adversários, como de partilharmos tranquilamente um consenso que distribui quotas de televisom e estreita até a asfixia o espaço da razom po-lítica. No paraíso neoliberal do melhor mundo possível, as esquerdas e as direitas da alternância calculam futuros e progressos nas decisõs finais de tubarons das finanças, relegando palavras como

'sector público' ou 'nacionalizações' à categoria do inominável; no reinado da solidariedade antipolítica e do mercado de consignas filantrópicas, a caridade com os empobrecidos da terra acompanha-se da confiança em Fenosa e noutros blocos empresariais notoriamente reconhecidos polo saque da América Latina e o negócio entre os cadáveres do Iraque; na Europa da opulência e do ecologismo institucionalizado em ministérios transversais, aplaudese a previsível limpeza da Ria de Ponte

Vedra enquanto as propostas de reforma do Estatuto de Autonomia nem se atrevem a exigir o controlo total dos nossos recursos energéticos.

Quem pelejou denodadamente por situar galegos de apelido na terceira eléctrica do Estado acham que a nação nom é um projecto em andamento, com orientação social concreta e definida, senom umha mera coincidência territorial que nos obriga a confundir Ortega ou L6-



pez Isla com os nossos próprios interesses. Quem hipoteca as suas expectativas a esta linha argumental deveria ser consciente da dura realidade: no clube selecto das grandes corporações nom há portas que se abram automaticamente aos novos ricos. E nem muito menos atengom especial aos políticos periféricos de poder minúsculo e palavra complacente.



# NOTÍCIAS

## Cargas e detenções na homenagem à bandeira do PSOE corunhês

Francisco Vázquez declara que a "unidade nacional" é inquestionável

**REDACÇOM /** A aparente ambigüidade do PSOE galego em matéria de organización territorial desfiou-se de maneira inequívoca no passado día 12 de Outubro. Se bem que o presidente da Junta tivesse defendido a utilização do termo 'naçom' para fazer referência à Galiza, nom duvidou em aderir à celebraçom da hispanidade que organizou o presidente da câmara corunhesa. Ao pé da praia de Riaçor, Francisco Vázquez entoou um canto à tam na moda 'Espanha plural' alternando o uso do galego e do espanhol na sua alocaçom. Ao mesmo tempo, ergueu um enorme pendom de Espanha e colocou a 'unidade nacional' como elemento indiscutível e fora do alcance de qualquer possível debate democrático. O BNG nom assistiu ao acto -que contou com umha respeitável presença de seguidores do presidente da câmara da Corunha- e o seu vozeiro municipal, Henrique Tello, manifestou "nom questionar a legitimidade do içado da bandeira, mas sim as formas com que este foi realizado".

Quanto às formas, estas fôrom do mais convencional no que diz respeito ao tratamento da oposiçom independentista. Um dispositivo policial desdobrado para o efeito encerrou num espaço bem reduzido mais de cem activistas e simpatizantes concentrados contra a hispanidade às portas do Hotel Riaçor. A concentraçom tinha sido organizada de



maneira espontânea e convocada com as já clássicas mensagens de SMS. Ao chamamento acudírom pessoas independentes, militantes da AMI, BRIGA e NÓS-UP. O resultado das agressions da policia espanhola saldouse com mais de quatro pessoas feridas e umha detida. Joám Bagaria, militante lucense da Assembleia da Mocidade Independentista, foi captura-

do depois de finalizado o acto político graças ao labor de agentes à paisana. A jornada reivindicativa acabou com umha manifestaçom polas ruas da Corunha em solidariedade com o detido, posto a disposiçom judicial no dia seguinte ao dos factos. Tam só as forças independentistas condenárom publicamente as agressions e o ataque à liberdade de expressom.

## O último director da CRTVG nomeado polo Presidente da Junta

**REDACÇOM /** Como figurava nos programas eleitorais dos dous partidos que formam o bipartido e no próprio acordo de governo entre PSDeG e BNG, Benigno Sánchez Garcia será o último director da Companhia de Rádio Televisom da Galiza (CRTVG) nomeado directamente polo presidente da Junta. Assim, Tourinho assegurou que no primeiro ano de governo será aprovada umha lei que "garantirá a independência da rádio e da televisom públicas", assim como "o acesso dos diferentes sectores" da sociedade galega aos meios de comunicaçom públicos". Por meio desta lei, o presidente da Junta renunciará também à potestade de nomear o director geral da companhia, passando a ser umha maioria qualificada do Parlamento a autorizada para efectivizar a nomeaçom, promessa que no entanto já nom poderá ser cumprida

nos primeiros anos de governo tripartido.

O novo director, licenciado em Direito, tinha presidido o Conselho Galego de Relaçoms Laborais e actualmente chefiava a Inspeçom Provincial de Trabalho e Segurança Social da Corunha. O facto de ter participado como mediador e árbitro em numerosos conflitos de carácter laboral, pode estar por detrás da escolha de Tourinho, pois eram conhecidos os numerosos conflitos laborais que afectavam o ente público nos últimos anos. As novas direcçoms da companhia serán para Suso Iglesias (TVG), Xosé Manuel Pereiro (programaçom da TVG), Roberto Cid (informativos TVG), Virgilio Costas (Rádio Galega), Manuel Pampim (informativos da Rádio Galega) e Xurxo Souto, umha das mais aplaudidas, como director de programaçom da Rádio Galega.

## Sindicato de Jornalistas reclama reabertura de Rádio Nacional em galego

**REDACÇOM /** O Sindicato de Jornalistas da Galiza (SJJ) uniu-se à campanha que está a desenvolver a Mesa pola Normalizaçom Lingüística para que o governo do Estado reabra a emissora de Rádio 4 em galego, a qual tinha sido fechada em 1992.

Radio 4 continua a funcionar na Catalunha, onde esta emissora serve para, entre outros fins, promover o idioma catalão nos meios de comunicaçom. O SJJ entende que "o reduzido uso do galego polas

empresas de comunicaçom" torna imprescindível que "as administraçoms galegas se envolvam já na sua promoçom mediante açoms concretas". Além disso, assinalam no sindicato, a reabertura de Rádio 4 suporia umha "oportuniidade única para gerar novos postos de trabalho com estabilidade". Como primeiro passo, o SJJ exige que seja realizado o estudo de viabilidade da reabertura na Galiza, tal e como tinha acordado o Congresso dos Deputados em 2004.





## Recomendações do Conselho da Europa questionam Plano de Normalização

*Coincide com o reintegracionismo recomendando imersão lingüística para o ensino do galego e presença dos meios de comunicação portugueses na Galiza*

**REDAÇÃO** / O apoio unânime que recebeu no Parlamento galego o novo Plano Geral de Normalização Lingüística não está a implicar um consenso generalizado quanto ao mesmo nos diferentes âmbitos normalizadores. Num primeiro momento, foram os colectivos reintegracionistas os mais críticos com o Plano, ao considerarem que desatendia as relações com a Lusofonia para a activação do processo normalizador. Mas as críticas mais abertas a esta norma dirigiram-se ao articulado que desenvolve a planificação lingüística no ensino, no qual se descartavam os modelos de imersão lingüística que funcionam noutros territórios do Estado há várias décadas (ver NGZ nº 30). Agora é um organismo

extra-galego, o Conselho da Europa, o que, sem explicitá-lo, parece animar as críticas ao Plano, assinalando como um incumprimento por parte de Espanha a inexistência de modelos educativos que permitam que "umha parte fundamental do programa se leccione essencialmente em galego". Para além disso, o Conselho da Europa aconselha às autoridades espanholas a implementação de acordos bilaterais que permitam a comunicação entre regiões de diferentes estados com a mesma língua, aplicando-se isto no caso galego aos meios de comunicação portugueses, algo que para este comité de peritos repercutiria "em benefício da língua regional ou minoritária".

### A Mesa quer livros em galego

Por outro lado, e em relação à medida adoptada pela Conselheira de Educação de disponibilizar os livros escolares gratuitamente, a Mesa pela Normalização Lingüística criticou que a improvisação nesta medida poderia provocar que a Conselheira da Educação assumisse comprar material pedagógico que não cumpre o Decreto 247/95, em relação à possibilidade de que os livros em espanhol que não respeitam a referida norma se venham a manter nos centros de ensino. Por essa razão, o colectivo normalizador exigiu à Conselheira a substituição dos mesmos o antes possível, nomeadamente nos trechos educativos onde "já está

implantada a gratuidade" (em referência aos primeiros anos do currículo escolar), para cumprir o estipulado no PGNL. No entanto, se num princípio a Mesa tinha criticado abertamente a conselheira, Laura Sánchez Piñón, "por umha escassa vontade de diálogo" em relação a este assunto, em declarações ao Novas da Galiza, Carlos Callón, presidente da Mesa, dixo terem obtido um compromisso da Conselheira neste sentido a partir do próximo ano lectivo, e expressou um "voto de confiança" no departamento dirigido por Laura Piñón, que se comprometeu à aplicação do decreto em vigor (247/95) por meio da inspecção educativa até a actualização do mesmo em implementação do PGNL.

## Poder político e grandes grupos empresariais celebram a saída de Vigo da Volvo Ocean Race

**REDAÇÃO** / Tudo pronto nas Rias Baixas para o início do Campeonato do Mundo de Vela no dia 12 de Novembro. É a primeira vez em trinta anos de celebração que tal evento começa em portos nom britânicos, acontecimento aproveitado ao máximo polo conglomerado empresarial de umha ou outra maneira ligado aos desportos náuticos e à turistificação das nossas costas. O novo director geral

de desportos, o viguês Santiago Domínguez, mostrou a sua preocupação polo "escasso avanço em infra-estruturas" que ficará nas nossas rias após a partida dos barcos, mas em todo o caso deixou claro o "apoio incondicional" do novo governo ao evento polo qual tanto trabalhou o anterior executivo autonómico. Por trás da 'Volvo Ocean Race' estão, em qualidade de patrocinadores, grupos em-

presariais como Caixanova, GADISA, Coca-Cola ou a náutica Rodman. As implicações de esta última empresa viguesa em actividades ilícitas fora desvendada já por NOVAS DA GALIZA. Ainda, o aspecto mais destacável não são os puros benefícios propagandísticos do patrocínio, mas as vantagens económicas que possibilita o consócio constituído para a organização do campeonato. Com efeito, como se

recolhe no convénio assinado, a consideração da Volvo Ocean Race como "evento de interesse público" permite às entidades patrocinadoras acolherem-se a benefícios fiscais de diversos tipos. Por seu turno, a Junta da Galiza aproveitará o trecho galego do campeonato para a promoção turística e a utilização das nossas rias para os fins recreativos apoiados na náutica e nos portos desportivos.

## CRONOLOGIA

◆ 10.09.05

**Ensino.** 58.940 e 124.397 crianças iniciam, respectivamente, o ano académico em 1.270 centros de infantil e primária.

◆ 11.09.05

**Maus-tratos.** Denúncias aumentam 30% de 2003 para 2004 com 2.621 casos oficiais.

◆ 12.09.05

**AVE.** BNG exige mais investimento para acelerar a sua construção.

◆ 13.09.05

**Biodiversidade.** Segundo ADEGA, 14% da fauna galega está em perigo de extinção.

◆ 14.09.05

**Língua.** Marisol López Martínez, ligada ao oficialismo espanholista e partidária do "bilingüismo harmónico", dirigirá a Política Lingüística na CAG.

◆ 16.09.05

**Conflito em Audasa.** Trabalhadores colapsam AP-9 contra a eventualidade laboral.

**Cidade da Cultura** custará mais do triplo do orçamentado passando de 373 milhões.

◆ 18.09.05

**Incêndios.** 48.838 hectares de superfície florestal ardem na CAG até a data.

◆ 20.09.05

**BNG e Ence.** Governo municipal das Pontes, com maioria absoluta do BNG, oferece-se para alojar a fábrica de Ence deslocada de Ponte Vedra.

**Turistificação.** Portos multiplicará o turismo náutico através da iniciativa privada.

**Alzheimer.** Mais de 25.000 galegos e galegas padecem a doença neurodegenerativa.

◆ 21.09.05

**Electricidade.** Térmicas, barragens e eólicas configuram 8% do PIB da CAG e geram mais de 32.000 empregos directos e indirectos.



**Eucalipto.** Segundo o Anuário Estatístico Agrário, cada ano som abatidos 3 milhões de toneladas desta espécie na CAG.

◆ 22.09.05

**Ensino monolíngüe.** Relatório do Conselho da Europa recomenda à administração da CAG que utilize o galego como única língua no ensino e aposta no direito à "imersão total" na nossa língua.

◆ 24.09.05

**Morte no trabalho.** O operário de Ferroatlántica (Cee) Luís R. C. falece após a explosão de um forno da fábrica de ferroaleações.

**Mocidade.** Os acidentes na estrada som a primeira causa de morte entre os galegos e galegas de 15 a 30 anos.

◆ 25.09.05

**Celulose.** Ambiente assegura que a papelreira de Ence em Ponte Vedra nom será transferida para Ferrol.

**Sabotagem.** Portal independentista galizlive.org é destruído num ataque informático. A equipa do portal, que volve estar na rede num frmató provisorio no dia seguinte do ataque, afirma que tardará várias semanas em reconstruir completamente os serviços afectados.

◆ 27.09.05

**Galiza naçom.** Pérez Touriño assegura que "em Espanha há várias naçoms".

**Greve em Arriva.** Ardem em Vilalba dous autocarros da empresa de transportes.

◆ 28.09.05

**PP adverte** que nom aceitará o reconhecimento nominal da Galiza como naçom na reforma estatutária.

◆ 29.09.05

**Só a galega.** A Delegação do Governo investigará a ausência da bandeira espanhola em actos oficiais autonómicos.

◆ 02.10.05

**Demografia.** A CAG perde numha década 26% do estudantado nom universitário.

**Energia eólica.** A CAG conta

# Sogama gerirá central de biomassa em Cerzeda antes de dous anos

*O conselheiro do Ambiente, Manuel Vázquez, anunciara a possibilidade de optar pola compostagem para a gestom dos resíduos*

**REDACÇOM /** O conselheiro do Meio Ambiente anunciou finalmente a construçom de umha nova planta de gestom de resíduos no sul da Galiza para dar saída aos excedentes que Sogama nom pode atender. Depois de ter feito referência num primeiro momento à compostagem e ao impulsionamento da reciclagem, a proposta de Manuel Vázquez ficou finalmente encaminhada para umha planta de biomassa que a própria Sogama se encarregará de gerir em Cerzeda e que poderia estar em andamento antes de dous anos.

A visom economicista sob a que esta empresa estava a realizar o trabalho, centrada fundamentalmente na incineraçom como principal saída para os resíduos e na manutenciom de negócios com a Union Fenosa, tinha vindo a ser objecto de debate desde há anos para colectivos ambientalistas como a Federaçom Ecologista Galega (FEG), a Associaçom para a Defesa Ecológica da Galiza (ADEGA), e mesmo para sindicatos como a CIG, CC.OO e UGT, que tinham chamado a atençom para a necessidade de umha gestom do lixo mais responsável e respeitosa com o ambiente. Assim, a troca do actual sistema polo de compostagem foi reivindicada em numerosas ocasioms.



1. Central de reciclagem
2. Central de elaboraçom de combustivel
3. Central de co-geraçom
4. Armazem de CDR
5. Central Termo-eléctrica
6. Central de Tratamento de Resíduos Animais

Instalaçoms de SOGAMA em Cerzeda/ FONTE CIG

A compostagem é o resultado de um processo de fermentaçom dos restos orgânicos, que originam umha matéria alta em nutrientes e diversos oligoelementos precisos para as plantas e muito adequados, portanto, para serem empregados como adubo, já que aumenta a capacidade de retençom de água no solo e reduz o risco de erosom. Aliás, cumpre dizer que a compostagem é um processo bioquímico aeróbio realizado por bactérias e fungos de maneira totalmente natural,

polo que a poluiçom gerada polo mesmo é nula. A biomassa, por sua vez, é a substância orgânica de origem animal ou vegetal que serve como matéria prima para originar energia eléctrica, térmica ou mesmo mecânica, como os biocarburantes. Desta maneira, a central de biomassa que Sogama começará a gerir em Cerzeda poderia servir-lhe para manter os seus negócios com Fenosa, para além de aumentar a sensaçom de satisfaçom da sociedade, por ser a

biomassa umha energia renovável e de baixa repercussom para o meio polos seus escasos níveis contaminantes. Nom há que esquecer, nom obstante, que o processo efectuado nas plantas de biomassa inclui a combustom para a geraçom de vapor, o que também origina emissoms de CO2 e de dióxido de enxofre para a atmosfera, muito inferiores, isso é certo, às de outros combustíveis fósseis empregados como recurso energético, mas mesmo assim existentes.

## ADEGA prepara recurso contra a granja de cultivos marinhos de Rinlo

**REDACÇOM /** Depois de ter protagonizado diversas açoms nos últimos meses para tentar paralisar as obras de umha estaçom de piscicultura dentro do Sítio de Interesse Comunitário (SIC) das Catedrais, na Marinha cantábrica, a Associaçom para a Defesa Ecológica da Galiza prepara agora um recurso de alçada contra o plano sectorial impulsionado polo empresário Álvarez-Cascos com o apoio explícito do presidente da câmara municipal de

Riba d'Eu e aprovado polo Conselho da Junta. ADEGA tornou pública a que consideram umha tramiaçom irregular, ao ter sido submetido o projecto a exposiçom pública no DOG antes de se ter formulado a Declaraçom de Impacto Ambiental do mesmo, e nega a existênciam de um interesse supranacional e social derivado da instalaçom deste estabelecimento de piscicultura, que teria conseqüências ambientais negativas

## Mobilizaçom em Vigo contra a Cimeira Ibero-Americana de Salamanca

**REDACÇOM /** No passado dia 12 de Outubro celebrou-se em Vigo umha mobilizaçom contra a celebraçom da Cimeira Ibero-Americana de Salamanca, coincidindo com o chamado Dia da Hispanidade. No acto houve referências à dívida externa dos países latino-americanos e às problemáticas indígenas, para além de exposiçoms sobre a situaçom dos direitos humanos, da repressom, da agricultura e dos efeitos das transnacionais neste continente. Também actuárom o

Coro Libertário, o trovador Luís Caruncho e os malabaristas de Malandraxe. A mobilizaçom, organizada por colectivos libertários e anti-imperialistas, manifesta a oposiçom a umha cimeira em que "os chefes de Estado se reúnem da mesma maneira que governam, de costas aos seus povos" e rejeita o domínio norte-americano e europeu sobre as economias latino-americanas, assim como "as contínuas ingerências do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional".

# A Galiza interior berra Nunca Mais aos incêndios florestais

Mais de 2.000 pessoas manifestam-se em Ourense em defesa do monte

**REDAÇÃO** / A Plataforma em Defesa do Monte Galego conseguiu aglutinar 2.000 pessoas com o lema "O nosso monte importa, lumes nunca mais". A organização valorizou positivamente a mobilização ainda que nom fosse a manifestação maciça e nacional que se aguardava. A manifestação desenvolveu-se em Ourense, umha das comarcas mais afectadas polos incêndios florestais cada Verao. Reclamou-se umha "nova política agro-florestal e de luta contra os incêndios". Lembrou-se que na Galiza ardêrom mais de 50.000 hectares desde Janeiro, o que significa metade do território de Ourense. O porta-voz do Comité de Defesa do Monte Galego, José Santos, pediu a abertura "de um amplo debate social sobre o problema dos incêndios florestais" e reclamou a consideração da políti-

ca contra o lume como "questom de Estado". Para Santos "as políticas de incêndios tenhem que partir do consenso do conjunto da sociedade" onde devem "participar grupos políticos e agentes sociais e económicos em busca de soluçoms". Exigem outra gestom da política de incêndios, mas também "a implicação da sociedade, delatando as pessoas que atentam contra o património natural". A Plataforma pretende também que sejam revisados os planos florestais da Galiza e os planos de luta contra o fogo, a criação da Fiscalia do Meio Ambiente e a transparência e rapidez no acesso à informaçom. Umha das exigências da plataforma que mais polémica esta a gerar é o mando único. Solicita-se que as equipas de extinçom se aglutinem sob um único mando, dependente, em

exclusivo, da Junta da Galiza. No que diz respeito à prevençom, o comité propom a ordenaçom dos cultivos agrários e florestais, planos de restauro e recuperaçom do mundo rural, o incremento dos investimentos para a prevençom, e o controlo do sector florestal para evitar que alguém beneficie da queima de superfície. Na mobilização de Ourense, realizada no início do Outono, denunciou-se também o enriquecimento de alguns sectores empresariais com os incêndios. "Caixa Galiza lucra-se com o lume" ou "Ence fora da Galiza" fôrom algumas das consignas que se pudêrom ouvir no percurso da mobilização. No acto final, a actriz Mavel Rivera e o escritor Xosé Carlos Caneiro pugêrom voz às reivindicações da Plataforma. Os dous partidos que se coaligáram para aceder à Junta que-

rem dispor da vantagem do poder municipal de umha cidade na qual já tinham partilhado responsabilidades num governo marcado pola polémica, a contestaçom social e os confrontos entre os dous sócios. Segundo fontes afectadas, o principal problema que trava a consecuçom de um acordo para a moçom é a "justificação política"; trata-se de calcular como poderá ser apresentada à opinião pública a necessidade de umha moçom de censura entre dous partidos irreconciliáveis em Vigo há apenas dous anos, e que ultimamente votárom de forma diferente em temas tam transcendentais como os orçamentos municipais e o contestado Plano Geral de Ordenaçom, o que serviu para que a actual presidenta avançasse com os projectos e conseguisse fortalecer-se no governo municipal.

## Vigo e Carral, palcos da reivindicação do Dia da Galiza Combatente



**REDAÇÃO** / Já é o quarto ano que as forças independentistas inauguram o curso político com a lembrança dos militantes do EGPGC Lola Castro e José Vilar e por extensom de todas e todos os militantes mortos e retaliados na história da Galiza. NÓS-UP escolheu o monumento aos mártires na vila de Carral para organizar umha concentraçom de homenagem em que nom faltárom as alusoms aos reptos presentes do movimento. Perante dúzias de activistas convocados, Ramiro Vidal enquadrou historicamente os sucessos de 1846 e fijo um breve bosquejo do primeiro levantamento nacional. Maurício Castro fijo um chamamento a "alargar o projecto nascido em 2001" e a "provar o verdadeiro 'talante' do novo governo autonómico" com

umha tabela reivindicativa de mínimos que "recolhe as aspiraçoms da maioria social". AMI, por seu turno, aproveitou o vinte e cinco aniversário da vaga repressiva contra o independentismo, para recordar o projecto de LAR e o movimento contra Auto-estradas do Atlântico. Ao pé de umha cruz fascista que fora atacada polos independentistas em finais da década de 70, Miguel Garcia venceu que 'a luta de há décadas continua a ser a nossa, como prova a existência de novos e novas combatentes galegos que enfrentam a prisom'. Acabado o acto, a AMI realizou umha oferenda floral no cemitério de Salvaterra do Minho ao falecido militante de Galiza Ceive (OLN) e líder vicinal Antom Bértolo Lousada.

## NÓS-UP apresenta 444 reivindicações perante o novo governo autonómico

**REDAÇÃO** / A formaçom independentista NÓS-Unidade Popular apresentou no passado dia 6 de Outubro em Compostela um pacote de 444 medidas para a conformaçom de "umha nova política nacional e de esquerda" por parte do governo da Junta. Constatam a abertura de um "novo cenário político no nosso país que é a um tempo causa e consequência das grandes expectativas de renovaçom abertas no seio da maioria social" e acrescentam que serám "a auto-organizaçom do Povo Trabalhador e a constante pressom sobre as instituioens autonómicas" as que acabem por conseguir "concessoms ou o cumprimento das promessas eleitorais". É neste sentido que a formaçom independentista apresenta as suas 444 medidas a empreender pola Junta, articuladas em epígrafes referidas a direitos e liberdades, economia e questom sócio-laboral, saúde, en-

sino, serviços sociais, habitaçom, urbanismo, transporte e ordenaçom do território, ambiente, mulher, juventude, língua, cultura e desporto, concebendo o documento como "folha de rota da esquerda independentista em relaçom ao novo Governo" de coligaçom surgido das passadas eleiçoms autonómicas. Entre as propostas destacam a utilizaçom de Galiza como topónimo oficial, abrir umha auditoria sobre os 16 anos de governo Fraga para dirimir responsabilidades penais e difundir o programa de governo entre a populaçom galega. Aliás, consideram que o seu documento deve ser completado a partir de "um diálogo aberto e franco com todos aqueles sectores sociais que contribuírom nos seus particulares espaços e meios de actuaçom para a derrota do PP", e assim esperam obter novas propostas para desenvolvê-lo e acrescentá-lo.



com 3.193 moinhos eléctricos e umha potência instalada de 2.131 megavátios.

◆ 03.10.05

**Filiaçom do BNG.** Executiva do Bloco anuncia propósito de alcançar os 20.000 filiados/as.

**Militarismo.** Máximo chefe militar espanhol pronuncia-se contra o direito de autodeterminaçom dos povos e pola "unidade de Espanha".

**Sinistralidade.** Segundo um relatório do CGRL, a sinistralidade laboral aumentou na CAG 7.55% em 2004 enquanto se reduzia em 6% no Estado.

◆ 04.10.05

**Energia eólica.** Executivo espanhol aposta por impulsar a energia eólica na Galiza até alcançar os 6.500 megavátios.

◆ 05.10.05

**Saúde.** Galiza tem os tempos de espera para operaçoms mais prolongados do Estado, com 135 dias, face à média estatal de 77 dias.

**Precariedade laboral.** 91.13% dos contratos assinados na CAG em Setembro som precários. Triplicamos a média comunitária de temporalidade.

**Repressom no cárcere.** Instituioens Penitenciárias sequestra durante vários dias a correspondência do preso independentista Ugo Caamaño.

◆ 06.10.05

**Autocarros sabotados.** 40 veículos da empresa de transportes Arriva som destrozados dentro do conflito laboral pola readmissom de dous operários despedidos.

**Sinistros laborais.** Morrem trabalhando na construçom Jorge V. V. em Foz e Carlos M. P. no Porrinho.

◆ 08.10.05

**Imposiçom simbólica.** Presidente da câmara corunhês, Francisco Vázquez, anuncia a colocaçom permanente da bandeira de Espanha no Orçám a partir do dia 12 de Outubro. É convocada umha manifestaçom de rejeiçom.

◆ 10.10.05

**Língua.** Educaçom anuncia que 50% das aulas serám ministradas em galego em 2006.



# INTERNACIONAL

## NOVAS DE ALÉM-MINHO

**NUNO GOMES / Os resultados das Eleições Autárquicas** em Portugal saldaram-se por uma retumbante vitória do PPD-PSD que, concorrendo sozinho ou em coligação com outros partidos (nomeadamente o CDS-PP), conseguiu aumentar o número de votos e de câmaras. Este aumento de votação veio melhorar o resultado autárquico de 2001, altura em que o PPD-PSD quebrou o equilíbrio que mantinha com o PS e o ultrapassou em número de votos, levando à queda do governo PS de António Guterres. O PPD-PSD manteve também as suas duas principais câmaras, Lisboa e Porto, com vitórias destacadas de Carmona Rodrigues e Rui Rio, respectivamente.

**O Presidente da Junta** da Galiza, Emílio Pérez Touriño, deslocou-se ao Porto a convite do então candidato socialista à Câmara do Porto, Francisco Assis, que referiu que não vê "grande futuro para o Porto se não for capaz de se associar à Galiza, seja na indústria, nos serviços, na economia ou na cultura."

**A ciclovia existente entre Valença e Monção**, inaugurada em Novembro de 2004, regista um número crescente de utilizadores. Estes vêm de ambos os lados da fronteira para utilizar um equipamento que nasceu do reaproveitamento do canal da antiga via-férrea. O percurso tem neste momento 13 quilómetros, mas está já planeado o seu crescimento futuro.

**Os municípios de Monção e de O Grove** assinaram no passado dia 30 de Setembro um protocolo que prevê acções de promoção conjunta do turismo dos dois concelhos. Entretanto os municípios de Paços de Ferreira e de Vigo anunciaram um protocolo cultural e económico que implica, entre outras actividades, reatar os seminários luso-galaicos e avançar com uma "exposição itinerante da Citânia de Sanfins para percorrer a Galiza". Esta citânia faz parte do conjunto de castros portugueses e galegos a candidatar a Património da Humanidade pela UNESCO.

**Foi noticiado recentemente** que os portugueses são dos europeus que menos falam línguas estrangeiras. Um estudo do Eurobarómetro revela que apenas um terço dos portugueses consegue manter uma conversa numa língua estrangeira.

**A peça musical Cantares Gallegos**, escrita por Joly Braga Santos sobre poemas de Rosália de Castro, será tocada pela primeira vez em Faro, no âmbito da Capital Nacional da Cultura, que se realiza este ano na capital algarvia.

## A quem beneficia a matança de civis no Iraque?

*A captura, no passado dia 19 de Setembro, de dois agentes britânicos vestidos de árabes, armados até os dentes e num carro repleto de explosivos demonstra a participação das forças de ocupação nos atentados contra civis. Queriam que estourasse no mercado popular de Bassorá*



**DUARTE FERRÍN / O dia 19 de Setembro** a polícia iraquiana interceptou um automóvel em que viajavam dois agentes britânicos vestidos de árabes que foram reduzidos e levados ao cárcere local. Nom passou muito tempo até que tanques britânicos derubáram as paredes do cárcere e os 'libertáram'. Os dois membros do SAS foram surpreendidos com perucas, armados até os dentes e num carro repleto de explosivos.

O que iam fazer, disfarçados de iraquianos, na relativamente pacífica Bassorá? Segundo Fattah al-Shaykh, membro da Assembleia Nacional Iraquiana, "era um carro com umha bomba, carregado de munição e queriam que estourasse no mercado popular de Bassorá". Por outro lado, um relatório da televisão síria afirmou que o acontecido prova "que a ocupação nom está arredada de numerosas operações que tratam de manter a desordem para a justificação de umha ocupação prolongada". O deputado xiita Fatah al Sheij, representante do clérigo Muqtada al Sadr, afirmou que os britânicos detidos se dispunham a "disparar contra a gente congregada num santuário xiita". Por sua vez, Jousif Hamdam, porta-voz da União do Povo Iraquiano, assegurou que "quando há mortos civis deve-se à acção da CIA". Explicou que a CIA é a responsável pola organização e

acções que executam "grupos de bandidos, para desqualificar a resistência". Esclareceu que esta está integrada "em 99% por iraquianos e nom é sunita, como querem fazer crer os estado-unidenses", sendo militares do anterior exército do Iraque os que em boa medida a compõem, junto com muçulmanos, nacionalistas e comunistas, formando o que Hamdam denominou a "Frente Muçulmana e Democrática do Iraque", que luta pola "sua libertação".

A 21 de Julho, segundo informa Mafkarat al Islam, diversos grupos armados declaravam responsáveis às forças de ocupação pola campanha de ataques contra civis desencadeada nessas semanas. O comunicado, acusava directamente os ocupantes dos últimos ataques com carro-bomba contra civis, assim como de alguns ataques sobre casas efectuados como morteiro. O último dos seus truques sujos foi fazer explodir carros-bomba em lugares públicos como mercados ou ruas abarrotadas. Abduwahhab Al Obeidi, da organização de direitos humanos Voz da Liberdade conta: "as tropas estado-unidenses, depois de abaterem algum iraquiano, começaram a aplicar um método que consiste em fazer estourar o corpo do assassinado com o propósito de proporcionar provas "físicas" que deem solidez às suas

hipóteses sobre "ataques suicidas contra civis".

Por outra lado, é provável que Al-Zarqawi falecesse há já tempo. O Imám da mesquita al-Kazimeya de Bagdad declarou que estava morto "mas Washington está utilizando-o como o papom para justificar-se. É umha invenção para dividir as pessoas." Al-Kalesi agregou que Al-Zarqawi foi morto no começo da guerra no norte curdo e que "a sua família na Jordânia realizou umha cerimónia depois da sua morte". Num relatório que realmente provém do governo dos EUA assinala-se que Al-Zarqawi foi morto quando os EUA arrasáram a 'base' do seu grupo Ansar al-Islam no norte do Iraque nos começos de 2003.

Os atentados contra civis achados a Al-Zarqawi ou aos insurgentes, servem para apresentar o movimento de resistência como assassinos indiscriminados de civis, enfraquecem o apoio da população iraquiana à resistência, alimentam as divisões entre etnias (nom só no Iraque; também em todo o Médio Oriente), impedem o desenvolvimento de um movimento de resistência mais amplo, que una xiitas, sunitas, curdos e cristãos contra a ocupação ilegal do seu país, e tentam criar, a nível internacional, divisões no movimento pacifista e contra a guerra.





# Outra vez a energia, outra vez Fenosa

ANTOM GARCIA MATOS

NEM ANTES NEM DEPOIS FENOSA FOI NOSSA NO SENTIDO DO SEU CONTROLO E BENEFÍCIO, SENOM DE UMHA ESTIRPE DE BANQUEIROS E INDUSTRIAIS QUE CONSTRUÍROM UM MONSTRO ENERGÉTICO EXPLORANDO OS RECURSOS NATURAIS QUE SÓ DEVEMOS POSSUIR E DESFRUTAR COLECTIVAMENTE OS GALEGOS E GALEGAS

Antes de mais, devemos reconhecer que as vicissitudes de Uniom Fenosa som relevantes para os galegos e as galegas. E isto é assim porque a transnacional espanhola mantém umha posição político-económica de controlo sobre umha boa parte dos nossos recursos naturais energéticos e a sua distribuição final, sendo protagonista na rede económica nacional. Hoje é umha das eléctricas mais rentáveis da Europa, contando com algum tipo de negócio em 16 estados e estendendo a influência a 47 países através de 6 divisões e 78 empresas do grupo que geram, gerem e distribuem a energia que move o mundo: a hidráulica, a térmica, a nuclear, a eólica e a gasística. Na Galiza explora 9 centrais hidroeléctricas nas bacias do Minho e do Lima, 3 dos 6 saltos de importância da

bacia intracomunitária, um número importante de minicentrais hidroeléctricas, 2 centrais térmicas (Sabom e Meirama), mais de 20 parques eólicos (em 2003 vendeu 17 destes parques à poderosa empresa pública italiana ENEL, com umha opção de recompra de 30%) e controla, com Endesa, a regaseificadora de Ferrol Reganosa. Tem no nosso país ao redor de 22% da sua produção total de energia eléctrica e 78% do total da sua produção de origem hidráulica.

Aproximadamente os 41% dos clientes que Fenosa tem no Estado espanhol estão na Galiza, onde também serve energia às grandes unidades de produção como Alcoa, Citröen e Inditex. Fenosa tem assegurado praticamente o monopólio da distribuição eléctrica na Galiza, controlando 80% do abasteci-

mento desta energia, com mais de um milhom de clientes. A 3ª eléctrica do Estado (depois de Endesa e Iberdrola) está firmemente implantada no nosso País e esta implantação empresarial tem características históricas.

Quando a primeira construtora espanhola 'compra' Fenosa nom nos está a arrebatar nada aos galegos e às galegas, porque já nada tínhamos de nosso. Nem antes Fenosa, com 'capital galego', nem depois de 1982, foi nossa no sentido do seu controlo e beneficio colectivos, senom de umha estirpe de banqueiros e industriais que construírom um pequeno monstro energético explorando os recursos naturais que só devemos possuir e desfrutar colectivamente os galegos e galegas. Esta questom é sempre importante. O controlo popular, a soberania, sobre os recursos naturais

energéticos som sempre aspectos incontornáveis, ainda que a formulação concreta deste controlo e desta soberania podam ser, e de facto som, objecto de controvérsia ainda hoje.

Podemos discutir que forma concreta deveria adoptar umha regaleguização da Eléctrica espanhola, mas há duas cousas que nom podem ser nunca objecto de discusom, porque som questons de princípios. A primeira é que nom há regaleguização possível sem soberania energética, quer dizer, sem capacidade para decidirmos nós mesmos sobre as bases e o modelo do regime energético que queremos para o nosso país. E segundo, sem que haja polo menos algum tipo de controlo e participação colectivo-comunitária sobre os recursos energéticos explorados.

O sistema energético galego

(como o seu homólogo florestal) construiu-se desde os anos '40 sem crítica possível, 'manu militari', por umha associação muito bem lubrificada polas famílias oligárquicas e as elites políticas fascistas ou democráticas. O sector eléctrico, como sector produtor, precisava de grandes investimentos e gerava grandes beneficios, duas características que fam com que detrás de um grupo eléctrico tenhamos umha grande empresa financeira ou o próprio Estado.

ACS, com a compra de 22% do corpo de accionistas de Fenosa nom só quer ser um operador global de infra-estruturas de transporte, onde encabeça o ranking mundial; quer converter-se, também, num grande operador de infra-estruturas energéticas. Endesa e Iberdrola eram bocados demasiado grandes. Uniom Fenosa era mais digerível.

FOI DITO

"PIDO À CIDADANIA QUE NOS DÊ ESTOPA"

**Anxo Quintana**

Para a Cadena Ser. 12.09.05

"ESTAMOS A FAVOR DA LIBERDADE, MESMO EM TEMAS SEXUAIS"

**Enrique López Veiga**

16.09.05

"ODISSEIA EM CARRETAS: FRACASSAM AS TENTATIVAS DE SALVAR O GATO QUE LEVA QUATRO DIAS PRESO"

**El Correo Gallego**

Cabeçalho da capa. 23.09.05

"HAVERIA QUE ESQUECER-SE DO PROJECTO. É TANTO O QUE CUSTA, QUE SÓ A MANUTENÇOM DA CIDADE DA CULTURA DEIXARIA-NOS SEM FUNDOS PARA CONTINUAR AS ACTIVIDADES DA PRÓPRIA VIDA CULTURAL"

**Miguelanxo Prado**

20.09.05

"SE SE FAI BEM, O ESTATUTO VACINARÁ CONTRA TODO O TIPO DE AVENTURAS INDEPENDENTISTAS"

**Gaspar Llamazares**

Coordenador geral de IU. 09.10.05

"O MAIS LASTIMOSO É QUE [RAJOY] É ALGUÉM QUE FIJO UM SACRIFÍCIO POR AMOR AO PP E POR AMOR A ESPANHA, QUE É CASAR SENDO HOMOSSEXUAL..."

**Carlos A. Biendicho**

O Presidente da Plataforma Popular Gay (PP) fala sobre Mariano Rajoy para a emissora argentina Cadena 3. 24.09.05

"GALIZA NOM EXISTE"

**Roberto Blanco Valdés**

Título de um artigo do 'opinólogo' habitual de La Voz de Galicia, em que ataca a utilização do nome histórico do País. 25.09.05

"APÓS QUARENTA ANOS EXISTE MUITÍSSIMO INTERESSE EM QUE ESTA ESPANHA NOSSA, QUE TANTA GLÓRIA E TANTA HISTÓRIA ACUMULA, CONTINUE A SER PÁTRIA COMUM E INDIVISÍVEL"

**Félix Sanz**

Chefe do Estado Maior da Defesa (Jemad). 03.10.05

"SINTO-ME MUI À VONTADE E MUITO BEM COM O BNG"

**Pérez Touriño**

29.09.05

CENTRO SOCIAL

**A tren!**

Proxecto de asociación para a zona de regaio de Coladouro

csatren@bnetmail.com  
Travesa San José, 2 (Oros-do-cha) 15.002 COMUMIA

Colaboracións: 2091-0012-18-304031205

**ARTABRIA**

Travesa de Batalhões, 7  
981369099 - 981369921  
15403 FERROL

www.artabria.net



galizalivre.org

O portal da Galiza em Internet



abastos

zona velha - compostela



Vía Saera, 3 - 15704 Compostela  
info@casadascrechas.com

## A FUNDO

## ACS estende o seu poder sobre Fenosa para se integrar no oligopólio dos donos da energia

FRUSTRADAS AS ASPIRAÇÕES DO GOVERNO AUTONÓMICO PARA INCIDIR NA GESTOM DA ELÉCTRICA

Umha chamada do multimilionário Carlos March a Emilio Botín no passado dia 22 de Setembro frustrava a operação que estavam a tecer Amancio Ortega, Julio Gayoso e Jacinto Rey para se fazerem com o controlo de Uniom Fenosa, após a OPA lançada por Gás Natural sobre Endesa e com o apoio do novo Governo da Junta. O assalto ao poder

da eléctrica foi instigado polo grande capital, para o qual Florentino Pérez fijo o papel de porta-voz e braço executivo, integrando a fortaleza empresarial de Fenosa no empório industrial e servindo de garante para que as grandes fortunas vinculadas à direita espanhola ficassem com poder significativo num dos sectores estratégicos da economia: o energético.

PEDRO ALONSO / CARLOS BARROS  
A mudança de donos em Fenosa produz-se imediatamente depois da polémica Oferta Pública de Ações (OPA) que o capital de La Caixa lançava sobre a maior empresa energética do Estado, Endesa. Se esta operação frutificasse, o poderoso grupo resultante converteria-se no terceiro mundial do sector do gás e da electricidade, com capacidade para administrar o desenvolvimento de projectos integrados a nível internacional, a gestom do gasoduto Magreb-Europa, a geraçom de boa parte da energia europeia e, finalmente, um posicionamento dominante sobre a distribuiçom e comercializaçom por miúdo na América Latina. Nesta agressiva aposta em Endesa, Gás Natural pretende recuperar a sua credibilidade depois de ter frassado na sua tentativa de controlar Iberdrola e complementar a sua oferta com a infra-estrutura e poder empresarial da grande eléctrica que tinha sido, até há bem pouco, pública. E perante o fortalecimento deste oligopólio, Fenosa adquire um valor especial ao ter ficado à margem e dispor de umha importante quota de mercado, o que a converteu em objectivo prioritário tanto do empresariado galego e das portuguesas Galp e Electricidade de Portugal (EDP) como dos capitais espanhóis interessados em manter a central em Madrid sob os desígnios das tradicionais fortunas espanholas. E além disso, Actividades de Construções e Serviços SA (ACS) complementa com Fenosa diversas actividades que já realiza no âmbito da energia. Está em jogo o controlo de umha grande eléctrica com presença crescente em vários continentes, bem posicionada para a competiçom internacional no novo cenário caracterizado pela mundializaçom, a desregulaçom e a concentraçom de capitais.

No contexto de globalizaçom dos mercados, estas empresas obtêm o grosso dos seus dividendos dos mercados internacionais, nome-



Florentino Pérez e Carlos March reunidos com Pérez Tourinho após terem conseguido as aççoms do Santander. O governo pretende garantir presença galega nos âmbitos de decisom empresarial

Otto/AGN

Está em jogo o controlo de umha grande eléctrica com presença crescente em vários continentes, bem posicionada para a competiçom internacional no novo cenário caracterizado pela mundializaçom, a desregulaçom e a concentraçom de capitais



O grupo liderado por Amancio Ortega viu frustradas as intenções. Emilio Botín nom duvidou em romper a sua palavra e vender as aççoms ao melhor postor

## EM DATOS...

## SECTOR ELÉCTRICO E CAPITAL DE ACS

## CLIENTES NA PENÍNSULA

Endesa	11,3 milhons
Iberdrola	9,6 milhons
EDP	7 milhons
Gas Natural	4,8 milhons
U. Fenosa	3,3 milhons
Galp Energia	819.000

## PRINCIPAIS ACCIONISTAS DE ACS

Corporaçom Alba (March)	20%
Alberto Cortina e Alberto Alcocer	18%
Florentino Pérez	16%

Fonte: LVG, NGZ

adamente o europeu, o latino-americano e o asiático. A América Central representa um claro exemplo deste fenómeno: situada numha posiçom estratégica, presencia a abertura de grandes estradas e corredores de transportes, grandes exploraçoms gasísticas e petrolíferas para o benefício das transnacionais e as suas consequentes infra-estruturas que estão a deslocar numerosas comunidades indígenas e a incentivar umha poluiçom que supera os limites estabelecidos e está a incidir na saúde das populaçoms afectadas. A impunidade e as facilidades com que contam as eléctricas nestas áreas vê-se incentivada pola dívida externa destes países, acrescentada com o pagamento energético e acompanhada estrategicamente polo Banco Inter-Americano de Desenvolvimento, e polos empréstimos com limitaçoms condicionais do Banco Mundial, que obrigam os estados a favorecerem a presença de capitais estrangeiros. Enquanto os povos subdesenvolvidos continuam a empobrecer-se social e economicamente, os benefícios das multinacionais crescem e forçam o investimento em infra-estruturas dos estados a se adaptarem aos ritmos e interesses destes oligopólios.

Falar do controlo de Fenosa é, por exemplo, falar do controlo do abastecimento energético da Colômbia, República Dominicana, Filipinas, México, Nicarágua, Bolívia, Costa Rica, Guatemala, Panamá, Uruguai, Quênia ou Moldávia, entre outros países em que comércia, e em vários casos controla, a distribuiçom gasística e eléctrica. Um dado significativo da posiçom estratégica que ocupa Fenosa é que foi a primeira empresa espanhola a introduzir-se no Iraque no momento em que o exército norte-americano declarou ter vencido a guerra. E outro exemplo do seu poder sobre os estados nos quais opera produziu-se no passado dia 6 de Outubro, quando Fenosa decretou, através da sua denominaçom comercial na Nicarágua,



Nom están previstos investimentos para melhorar unha rede eléctrica deficitária, obsoleta na capacidade de distribución para manter o consumo industrial e doméstico

umha subida de 9,73% na tarifa eléctrica, inmediatamente depois do anúncio da mudança de donos.

ACS será, pois, o grupo referencial de poder em Fenosa, canalizando a sua participação de 22,07% por meio da sociedade anónima da sua propriedade Promotora de Projectos Integrados (PR Pisa). E perante o fracasso dos seus competidores locais directos, Caixa Galicia já aumentou progressivamente a sua presença no corpo de accionistas, atingindo umha quota que supera ligeiramente 10% do capital total da eléctrica e que lhe permitiria negociar com ACS a co-direcção das grandes linhas de intervenção da eléctrica se prosperar a sua aliança.

#### **Desregulação e preço da energia**

Os velozes movimentos de capitais que fortaleceram o processo de monopolização do sector energético produziram-se num momento de iminente desregulação dos preços. Nos últimos dez anos as eléctricas pactuaram com o governo Aznar e o do PSOE a contenção das tarifas energéticas para assim se manter a inflação e se reduzir o défice público durante umha época em que a taxa de consumo eléctrico se viu incrementada em 6% anual. Assim, no Inverno e no Verão passados produziram-se no Estado espanhol máximos de procura de potência eléctrica nunca antes conhecidos neste sistema eléctrico, que ameaçou em várias ocasiões o fornecimento de vários territórios estatais. O crescimento da procura,

**O crescimento da procura, unida à pressão por liberalizar os preços, situam o Estado numha encruzilhada à hora de incidir sobre as decisões das eléctricas. A subida da tarifa energética em Portugal foi superior em 29% em relação ao Estado espanhol, enquanto em Itália superou esta quantia em 80%**

unida à pressão das companhias por liberalizar os preços e a sua posição cada vez mais dominante, situam o Estado numha encruzilhada quando se trata de incidir sobre as decisões das empresas eléctricas. E umha subida de preços implicaria um incremento do IPC significativo que o governo espanhol deveria compensar. Cumpre ter em conta que neste período o crescimento da tarifa energética em Portugal foi superior em 29% em relação ao Estado

## **A energia que recebemos**

Frente aos jogos do grande capital, a Galiza continuará a produzir aproximadamente 10% do total da energia gerada no Estado, exportando quase metade da sua produção. Dos 21.111 gigavátios por hora (Gw/h) que se fabricaram no País durante 2003, 10.188 fôrom para vender fora do território galego. Nom por acaso, dispomos de mais linhas de alta tensão que enviam a electricidade para o Estado espanhol que as que a distribuem dentro da Galiza, proporcionalmente que se verá incrementada com a implementação de dois novos corredores da máxima envergadura permitida na alta tensão (400 Kw) que fechariam um novo anel entre as Pontes, Alumina e Ponferrada, atravessando centos de quilómetros da nossa geografia. O primeiro dos corredores, que vai do Mesom do Vento às Pontes e está em tramitação, afectará por volta de 2.400 parcelas no seu percurso de 64,5 quilómetros e calcula-se que as obras poderão começar entre 2006 e 2007, com um orçamento de 21 milhões de euros. A abertura destas novas linhas justificaria-se, conforme às exigências das empresas do sector eléctrico, pela evacuação do caudal de energia eólica, dado que a maior parte dos aerogeradores nom dispõem dos mecanismos necessários para balancear a energia eléctrica na sua incorporação à rede, que precisa de se ajustar à procura, aspecto que seria solucionado com estas linhas de alta tensão. Também seriam necessárias para a dotação infra-estrutural reclamada pelos projectos energéticos previstos, como as plantas de ciclo combinado e o projecto de Reganosa na ria de Ferrol.

Por enquanto, nom estão previstos investimentos conhecidos para melhorar umha rede eléctrica interior deficitária, obsoleta na sua capacidade de distribuição a baixa tensão para manter o consumo industrial e doméstico. Nas estatísticas de 2003, a Galiza figura como umha das autonomias esta-

espanhol, enquanto em Itália superava esta quantia em 80%.

As perdas das empresas eléctricas, tanto as acumuladas nos últimos anos, como as sofridas em 2005 polo incremento do preço do petróleo e o défice tarifário (estimado polo próprio sector em 3.000 milhões de euros), obrigaram o governo do PSOE a novos cálculos compensatórios. Da nova tarifação dependem os projectos futuros de todas as empresas eléctricas espanholas.

O ministro da Indústria, José Montilla, mantivo recentemente umha reunião com as três grandes petrolíferas que operam no

**Dos 21.111 Gw por hora que se fabricárom em 2003, 10.188 fôrom exportados. Nom por acaso, dispomos de mais linhas de alta tensão que enviam a electricidade para o Estado espanhol que as que a distribuem dentro do nosso território**

tais com pior cobertura energética, registando a segunda posição em número de falhas de corrente ('apagons') da rede de alta tensão.

Neste momento está de actualidade o futuro imediato do sector eólico, que tem produzido dissensões entre os planos do Ministério da Indústria, a Conselheria e os projectos das empresas. La Voz de Galicia, diário que tinha publicado umha série de reportagens críticas com a acelerada penetração das eólicas e os privilégios de que eram objecto, surpreendia-nos no dia 3 de Outubro com informação destacada e crítica com a redução da quota de potência eólica prevista, que deixava em 3.400 os 6.500 megavátios (Mw) previstos pelas empresas e a anterior administração. No mesmo jornal, umha delegação comarcal relatava a situação de Lamasapim, umha aldeia de Maçaricos localizada a 200 metros do parque da Serra de Outes, precisamente de ACS, que conta com os aerogeradores de maior tamanho dos instalados na Galiza. Os e as moradoras desta paróquia tenhem problemas polas

oscilações de tensão, que afectam os seus electrodomésticos e mesmo as máquinas para mójir as vacas que, polas variações do abastecimento, funcionam defeituosamente, provocando danos nos animais e na sua produção leiteira, para além de impedir o seu funcionamento simultâneo.

De forma paralela à instalação de novos parques em lugares de vital importância natural como a Serra do Suido, fenómeno generalizado que a actual Conselheria da Indústria pretende deter, segundo já manifestou, um total de 117 câmaras municipais estão a mostrar-se agora muito descontentes com os acordos estabelecidos com as eólicas. Encabeçadas polo presidente da Federação Galega de Municípios e Províncias, FEGAMP, e da Câmara de Lalim, José Crespo dava umha conferência de imprensa representando os municípios afectados, na maior parte do PP, em que denunciava que as multinacionais se aproveitaram "da desinformação" e "nom tiveram contemplos para se aproveitarem das câmaras", pretendendo obter um maior benefício por parte das empresas eólicas instaladas com o seu beneplácito e o da anterior administração.

ACS conhece de perto o negócio eólico, que explora por meio das suas empresas Eyra e Cobra. Além do mencionado parque da Serra de Outes, administra o parque de Requeijo, nas Somoças, e o de Tourinhám, para além de outras instalações em território espanhol, português e latino-americano. Em finais de 2004 gerava perto de 300 megavátios (Mw) a partir das eólicas com 12 parques em exploração, 7 em construção e 35 em tramitação, com os quais prevê ultrapassar os 1400 Mw com a sua implementação final. Desta maneira, em 2004, depositou 10% dos seus investimentos no sector eólico e tem manifestado o seu interesse em explorar a fundo o negócio de parques eólicos no mar, denominados off-shore.

**A compra de ACS responde ao objectivo do grupo de meter um pé em cada sector estratégico, mas também para completar a sua rede industrial vinculada ao sector energético**

Estado, Repsol-YPF, CEPSA e BP, às quais transmitiu a necessidade de moderar as margens de benefício com que trabalham para impedir o retrocesso dos sectores dependentes do consumo de petróleo que agora atravessam umha crise derivada do espectacular incremento dos preços.

#### **ACS e o sector energético**

A bem sucedida operação de ACS "responde ao objectivo do grupo de meter um pé em cada sector estratégico", como afirmava Florentino Pérez, mas também para completar a sua própria rede industrial vinculada ao sector energético. Para

A Corporação Financeira Alba é a principal accionista de ACS. Está presidida por Carlos March, filho do franquista Juan March e membro da Comissom Trilateral, umha obscura aliança dos máximos líderes políticos e económicos a nível internacional

além das mencionadas Eyra e Cobra, conta com a companhia Imes, centrada na iluminação pública; Maessa, que executa labores de manutençom, instalaçom e serviços em áreas vinculadas à electricidade, mecânica e sistemas de controlo, assim como Semi, dedicada à manutençom e instalaçom de redes em traçados ferroviários. Com a denominaçom de ACS e outras, tem capacidade para construir centrais térmicas, de ciclo combinado, centros e subestaçom de transformaçom para o transporte e distribuçom de energia, e também refinarias, centrais petroquímicas e de regaseificaçom. Dispoem de mais de 50 anos de experiéncia na distribuçom eléctrica, de gás e de água, para além de instalar e manter redes de alta tensom e infra-estruturas eléctricas.

A compra do corpo de accionistas do Santander por parte de ACS em Fenosa, de forma semelhante à passada aquisiçom de 22% de Dragados ao mesmo vendedor, potencia ámbitos de trabalho já iniciados pola própria empresa e complementa a sua capacidade no sector energético aproveitando as sinergias obtidas com as quais poderá, por exemplo, construir as centrais que depois explore, fechando assim o ciclo.

Desde a operaçom de compra das açom do SCH, a quotizaçom de Union Fenosa na Bolsa tem experimentado umha revalorizaçom de 3,5% numha semana, situando-se o valor da empresa em bolsa em 8.000 milhons de euros.

A Corporaçom Financeira Alba é a principal accionista de ACS e está presidida por Carlos March, o filho do financiador do golpe franquista Juan March e membro da



Listagem de países e denominaçom comerciais com que Fenosa opera em diferentes continentes

Union Fenosa

Comissom Trilateral, umha obscura aliança dos máximos líderes políticos e económicos do planeta para traçar as linhas estratégicas internacionais, fundada por David Rockefeller em 1973 para manter a hegemonia dos blocos de poder mundial. A companhia presidida por Florentino Pérez entrou recentemente no selecto grupo das 500 primeiras empresas do mundo segundo a revista Fortune, depois de conseguir um volume recorde de facturaçom em 2004 que ascendeu aos 14.152 milhons de dólares. ACS está agora no posto 435 desta listagem, na qual também figuram Repsol (97), Telefónica (114), SCH (155) e Endesa (256). Com esta compra, a empresa situa-se como a primeira do Estado e quarta da Europa em construçom e serviços.

#### Sem capacidade para incidir

A nova administraçom autonómica tinha apostado na estratégia de Amancio Ortega e os outros grandes empresários autóctones com o objectivo de 'galeguizar' Fenosa, segundo apontam diferentes meios que indicam que era conhecedora e propiciara os planos desta agrupaçom de capitais. Com a compra do pacote de açom de Endesa, a empresa poderia voltar a quotizar na Galiza, o que traria receitas para a Comunidade Autónoma e reforçaria o papel simbólico de poder da economia nacional. No entanto, fontes consultadas por NOVAS DA GALIZA do âmbito da investigaçom energética, apontam a que o hipotético cenário da 'galeguizaçom' de Fenosa nom levaria consigo o aban-



Conselho de Administraçom de Union Fenosa anterior à venda das açom

A hipotética 'galeguizaçom' de Fenosa nom conlevaria o abandono dos planos já iniciados no País nem obrigaçom para que a companhia melhorasse o serviço

donos dos planos já iniciados no País nem implicaria nenhuma obrigaçom para que a companhia melhorasse o serviço. "O que está em questom é se de umha hipotética

aliança da Junta com Fenosa, a administraçom autonómica seria a beneficiária ou bem o 'governo amigo' que a transnacional procura, por exemplo, na América Latina", afirmam especialistas consultados.

A qualidade do serviço de Fenosa na Galiza é deficiente segundo confirmam estudos realizados sobre a qualidade das linhas e o abastecimento. Quanto a isto, e em relaçom com a compra do corpo de accionistas do SCH, o autor do livro branco espanhol sobre os oligopólios energéticos, José Ignacio Pérez Arriaga, afirmou que "seguramente seria bom que na Galiza servisse electricidade umha empresa de capital galego, mas também é certo que, se em todos estes anos nom deu um bom serviço... pois melhor que venha outro". As fontes consultadas do sector, críticas com a

ACS entrou recentemente no selecto grupo das 500 primeiras empresas do mundo segundo a revista Fortune, depois de conseguir um volume recorde de facturaçom em 2004 que ascendeu aos 14.152 milhons de dólares

actual gestom energética, indicam que "o primeiro que a Junta deveria exigir a qualquer eléctrica que opere na Galiza som contraprestaçom reais e efectivas polo dano produzido no nosso território na geraçom e distribuçom de energia".

Actualmente e conforme à legislaçom sobre a matéria, a Galiza carece de capacidade competencial para regular a exportaçom de energia ou intervir sobre exploraçom eléctricas cujo aproveitamento afecte qualquer outro território. No Estatuto em vigor nom se citam mais competências que as que correspondem à energia gerada e consumida só no País, enquanto na proposta do Fórum Novo Estatuto se fala de "competéncia exclusiva, que se determinará em cada caso no seu preciso contéudo e alcance" sobre "regime mineiro e energético; recursos geotérmicos; instalaçom de produçom, distribuçom e transporte de energia", ainda que nom existam mençom à energia exportada, aspecto determinado pola Rede Eléctrica Espanhola, que no caso galego seria prioritário incorporar. A este respeito, a proposta de novo Estatuto aprovada polo parlamento catalám define que a Generalitat participa "por meio da emissom de um informe preceptivo no procedimento de outorgamento da autorizaçom das instalaçom de produçom e transporte de energia que superarem o território da Catalunha". Também, estipula que a sua administraçom autonómica estará presente nos "organismos estatais reguladores do sector energético e na planificaçom de âmbito estatal" quando esta afectar o seu País.

LOCAL SOCIAL  
**REVOLTA**  
Rua Real, 32  
Apdo. 287 - 36200 VIGO

**R**  
**revira**  
local social  
Arcebispo Maior 33 Ponte Vedra

**O País na Janela** OFERTA  
TRÊS ANOS DE INDEPENDÉNCIA INFORMATIVA  
LIVRO-CD + SUBSCRIÇOM ANUAL = 25 €  
SELEÇOM DE TEXTOS, ARTIGOS INÉDITOS E UM CD COM OS 27 NÚMEROS DA PRIMEIRA ETAPA  
Encomendas oferta: 699268032  
assinantes@novasgz.com

OPINIOM

# A contagem decrescente do quilovátio galego

PEDRO ALONSO IGLESIAS

O BNG DEVE DEMONSTRAR QUE REALMENTE SE APRESENTA COMO BALUARTE DE UMHA NOVA FOCAGEM POLÍTICA INTEGRADORA SEM RENUNCIAR À CONSTRUÇÃO NACIONAL. DEVE ORIENTAR O DEBATE PARA O RECONHECIMENTO DA NECESSIDADE DE CONTROLAR A EXPLORAÇÃO DOS NOSSOS RECURSOS NATURAIS E, NO CASO DA ENERGIA ELÉCTRICA, DE PARTICIPARMOS TAMBÉM NA SUA POSTA NO MERCADO

Segundo vozes expertas, o contexto em que está a evoluir velozmente o sector energético galego poderia provocar umha mudança no seu tradicional papel exportador de energia polo desinvestimento nas Pontes e Reganosa previsto por Gás Natural se triunfar a sua OPA sobre Endesa. A paralisación destes projectos implicaría umha queda significativa da produçom, numha situaçom de crescente procura interna. Se somamos a possível introduçom do custo do transporte eléctrico como novo factor da tarifa, encontraríamos-nos em situaçom de dependência e, portanto, com a paradoxal situaçom de pagarmos umha sobretaxa no consumo eléctrico depois de termos sido espoliados.

Conforme a estas fontes, o futuro da produçom energética passaria pola diversificaçom e o impulsionalmento das energias renováveis, nomeadamente eólica, biomasa e solar, e do gás natural, para manter a actual quota de produçom e distribuiçom. Porém, o apelativo de 'estratégicos' para qualificar projectos como os ciclos combinados das Pontes e Sabom, a regaseificadora de Mugaridos, a terminal de carvom de Ferrol, ou o Plano Eólico, reside numha apreciaçom que consiste na



Se a geraçom eléctrica se acompanha de um projecto de industrializaçom estruturada e funcional, a Galiza poderia tirar proveito da condiçom privilegiada como produtor energético

vinculaçom do impulso à indústria pesada com entornos de grande disponibilidade de energia a pé de obra. Assim se instalárom perniciosas indústrias de enclave como Alumina-Alumínio, inaugurada há 25 anos depois de um investimento de 100.000 milhons de pesetas, que absorve mais de 25% da electricidade consumida na Galiza e gerou neste tempo um grave problema ambiental ainda sem resolver. A sobrevivência destes projectos nom tem porquê repercutir positivamente no progresso e no bem-estar.

Se a geraçom eléctrica se acompanha de um projecto coerente de

impulsionalmento das infra-estruturas de comunicaçom e umha industrializaçom estruturada e funcional, a Galiza pode tirar proveito da condiçom privilegiada como produtor energético. Eis onde se torna mais relevante, se verdadeiramente se trata de um sector estratégico, o papel a jogar polo corpo de accionistas galego e polo poder político.

O BNG deve demonstrar que realmente se apresenta como baluarte de umha nova focagem política integradora sem renunciar à construçom nacional. Deve orientar o debate para o reconheci-

mento da necessidade de controlar a exploraçom dos nossos recursos naturais e, no caso da energia eléctrica, de participarmos também na sua posta no mercado. Apesar de ser umha oportunidade magnífica para o exercício reivindicativo através do poder, e da possibilidade de alcançar eco mediático e, possivelmente, elevadas quotas de pedagogia política, as limitaçom jurídico-políticas actuais impedem nos dias de hoje desenhar e viabilizar um processo de investimento e desembarco público em Reganosa e nas Pontes.

Compreende-se a necessidade

de dosificar as tensom internas, tanto no governo como no BNG. Mas se estamos a falar de umha açom de governo que deve assumir danos colaterais e renúncias de prioridades programáticas e princípios históricos, o justo é compensar a situaçom, no caso do sector eléctrico, com um discurso veemente em defesa das nossas potencialidades, acompanhado de umha autêntica estratégia para forçar a outra parte a ir assumindo posiçom reivindicativas.

Hoje som limitadas e insuficientes as possibilidades de a Junta incidir sobre questom como a legislaçom sobre a fusom das caixas, a regulaçom tarifária e do sector eléctrico ou a participaçom na tomada de decisom. É prioritário reclamar novos direitos e competências, tanto no sector eléctrico como no financeiro, e defendê-los num hipotético cenário de negociaçom estatutária. O impulsionalmento a este sector "estratégico" trará umha vaga de projectos de grande impacto ambiental, que deveriam ser avaliados globalmente e contrastados com as necessidades de desenvolvimento que precisam outros sectores produtivos básicos e, sobretudo, com a necessidade de protecçom do nosso património natural.

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 699 268 032

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Subscriçom + livro = 25 €  1 Ano, 12 números = 20 €  Assinante Colaborador/a = \_\_\_ €

Nome e Apelidos  Telefone

Endereço  C.P.

Localidade  E-mail

N° Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura



# REPORTAGEM

## A costeira do bonito na encruzilhada

### O SECTOR ENFRENTA A LENTA RECUPERAÇÃO DA PESCA

Apesar de ser umha das actividades piscatórias mais importantes do Verão, a captura do bonito do norte sofreu nos últimos anos umhas variações em preços e capturas que pugérom em perigo a sobrevivência da frota nos portos galegos do Norte. Esta actividade também enfrentou as ameaças das outras potências piscatórias da Europa: França,

Irlanda e Reino Unido, que empregárom artes de pesca depredadoras, originado assim, no ano 1994, a chamada "guerra do bonito". Dez anos depois daquele choque, parece que a situação pode melhorar, mas o incremento do preço dos carburantes fai com que hoje o bonito saia caro, capturá-lo e comprá-lo.

E MARINHO/"Queres trabalhar no mar tam novo? Entom vai primeiro ao bonito, é um trabalho pouco esforçado, mas o dia de trabalho será cansativo". Era o conselho de um marinheiro veterano a um moço de dezasseis anos com vontade de ganhar dinheiro rápido nos meses de estio, antes de voltar aos estudos.

O bonito branco, do norte ou albacora, é um tunídeo que, como toda a sua espécie, é migratória. Começa o seu caminho no Golfo de Biscaia. Dali, os sobreviventes voltarán a águas mexicanas para iniciarem de novo a actividade reprodutora, e assim ano após ano.

Após as festas da Virgem do Carmo, Burela é um porto em efervescência. A maioria respeita a tradição de nom sair para o mar antes das celebrações, que som nos primeiros dias de Junho. Mas acabado tudo, umha frota de barcos inicia o percurso até as costas dos Açores. Ali será onde se encontre cara a cara com o *Thunnus alalunga*, ou bonito do norte. A costeira do bonito é a actividade piscatória por excelência no Verão. Dos portos de Burela, Celeiro, Foz e Carinho saem os barcos boniteiros para se dedicar até o mês de Outubro à tarefa de trazerem para as lotas o prezado peixe. Antes, no mês de Maio, os marinheiros preparam o barco para saírem para o mar. Umha operação a que chamam 'arranjar'.

Serán quase seis meses de actividade, de ida e volta até a retirada do bonito. As capturas irán enchendo as adegas do barco para, quando estas chegarem ao topo, regressarem ao porto para a venda. Estas idas e voltas dependem em grande medida da quantidade de peixe. A



A costeira do bonito é a actividade piscatória por excelência no Verão. Dos portos de Burela, Celeiro, Foz e Carinho saem os barcos boniteiros para se dedicar até o mês de Outubro à tarefa de trazerem para as lotas o prezado peixe

média de permanência no mar de um boniteiro entre venda e venda, anda entre os quinze e os vinte dias, com dous escasos dias de folga.

As embarcações boniteiras som características e reconhecíveis polas 'varas' ou 'caceas', longas peças de eucalipto ou fibra de vidro, instaladas nos costados do barco. Esta arte de pesca também é conhecida como 'curricám', nome procedente do catalám.

#### A arte, a rede e a guerra

O bonito é um predador insaciável. Sempre atacará bancos de espécies pelágicas, as chamadas 'manchas', que podem ser de qualquer peixe ou crustáceo considerado apetecível polo tunídeo. Quando aparece a mancha detectada polos aparelhos electrónicos ou a simples vista (estilo basco), o barco abrirá a 'cacea'

As oscilações de preços e de capturas som os principais selos distintivos do mercado do bonito. Nem sempre se consegue um preço que contente toda a gente, nunca se paga suficiente para compensar o esforço da costeira

como duas asas e começará a pesca selectiva do peixe. Umha a umha, irán içando as peças pescadas para metê-las na adega refrigerada. O peixe nom se corta, nom se limpa nem se lhe retiram as vísceras: irá inteiro para o mercado; esta é umha das características que melhor definem o bonito do norte: a limpeza.

Para pescá-lo, o isco que se emprega pode ser vivo (anchova, normalmente) ou artificial. Colocado nos anzóis, estes som espalhados no mar até que 'surdem' os bonitos. Trata-se de umha arte de pesca selectiva que nom dana outras espécies marinhas, só captura bonito. É o caso contrário da volanta, rede pelágica que pode medir até 20 quilómetros e chegar a profundidades de vinte metros. Este método de pesca, conhecido entre marinheiros galegos, asturia-

nos, cántabros e bascos como as 'cortinas da morte', som malhas que nom respeitam o processo evolutivo do mar. Muitas ficam à deriva, depois de considerarem os seus donos que nom servem. Isto produz umha chacina indescritível no mar.

A volanta foi a causadora da "guerra do bonito" em 1994. Marinheiros galegos, bascos, cántabros e asturianos, cansados de protestar perante a UE polo emprego de artes assassinas, decidírom lutar contra os volanteiros de maneira aberta. Estes eram maioritariamente franceses, británicos e irlandeses. O momento culminante sucedeu no Verão de 1994, quando o pesqueiro francês La Gabriele foi abandonado pola tripulação e logo rebocado até o porto de Burela. Nas naves da confraria burelesa, diante de peritos e câmaras das televisions espanhola, galega e francesa, comprovou-se que a longitude das redes do barco francês chegava aos sete quilómetros, superando em dous a distância permitida pola UE. Nas palavras de Xabier Aboi, da CIG-Mar, aquele facto fora "umha actuação de defesa legítima tendo em conta o desleixo dos governos galego e espanhol naquele assunto".

Hoje em dia, as volantas som proibidas, mas as negociações para a sua eliminação fôrom duras e vacilantes, enquanto aumentavam os actos de violência, incluindo disparos contra boniteiros tradicionais e ecologistas por parte de pesqueiros franceses.

#### Subidas e descidas, difícil equilibrio

As oscilações de preços e de capturas som os principais selos distintivos do mercado do bonito. Nem sempre se consegue um preço que

LIBRERIA  
Conde

Emilia Pardo Bazán, 11-13  
988 431 204 - libreriaconde@terra.es  
32800 CELANOVA Ourense

Para Cabeca  
de Maceda 20

**desmoro**

LOCAL SOCIAL & OURENSE - GALIZA

BREBAXE

ITALPICA

LIVRARIA

**SISARGAS**

Para Cabeca de Maceda 20  
15.002 A OURENSE  
TEL. e FAX 781.200082

A FÁBRICA de VILANOVA

A FÁBRICA de VILANOVA  
casa de xanfar - café - museo

Rua Vila Nova s/n  
32660 - Alhariz - Galiza  
988 442 434



As greves nas lotas do día quatro de Outubro, deixáron en evidéncia que o aumento no preço do carburante tamén chegava á frota boniteira. Os beneficios tirados das vendas de peixe non cobren de maneira suficiente os custos

A volanta foi a causadora da “guerra do bonito” em 1994.

Marinheiros galegos, bascos, cántabros e asturianos, decidíron lutar contra os volanteiros de maneira aberta.

Estes eram maioritariamente franceses, británicos e irlandeses



Espera-se que as capturas vaian en aumento nos vindouros anos. Se o bonito recuperar o peso perdido, pode converter-se en actividade complementar de outras

contente toda a gente, nunca se paga suficiente para compensar o esforço da costeira.

Os meses de Julho e Agosto som os que registam un maior número de vendas. É o momento em que abunda o bonito, pois está a meio do camiño. Polo contrário, Maio, Junho e Setembro som meses de escassa pesca. Nos primeiros porque o peixe aínda está chegando; no último, porque parte.

As oscilaçõs que se registam em Burela nas capturas, som umha constante que tivéron o momento mais baixo no período 1998-2004. Em 1995 os quilogramas de bonito capturado superáron os quatro millóns, mas em 1998 fõrom de un milhão e seiscentos mil quilos. O momento mais preocupante foi em 2002, onde nom se chegou ao milhão de quilos. Na presente campanha, os níveis de capturas aproximam-se dos de 1984. As explicaçõs a este comportamento están, nomeadamente, na reduçõn da frota boniteira, quer por causa da imposiçõn da UE quer polo abandono da actividade de alguns barcos depois da “guerra do bonito”.

Mas no assunto dos preços a cousa muda. O número de capturas nom implica sempre un resultado económico paralelo ao obtido

em quantidade de peixe. O que se observa nos últimos anos na lota de Burela é umha reduçõn do preço médio do quilo de bonito. No ano 2002 as capturas nom somáron o milhão de quilos, mas o preço do quilo pagava-se a 4,68 euros, com un saldo total que superava os quatro millóns e meio de euros em beneficios. Em 2005, com dois millóns e meio de quilos o preço médio do quilo está em 2,91 euros, e o total soma mais de sete millóns de euros, nível de beneficio que aínda nom chega ao de 1989. Segundo dados de ABSA (Armadores de Burela S.A.) o preço reduziu-se em 9,27%, enquanto que as capturas com respeito ao mesmo período do ano passado, aumentáron em 47% e a facturaçõn em 34%. Onde está a questom? Intermediários e aumento de preços em centros comerciais e peixarias.

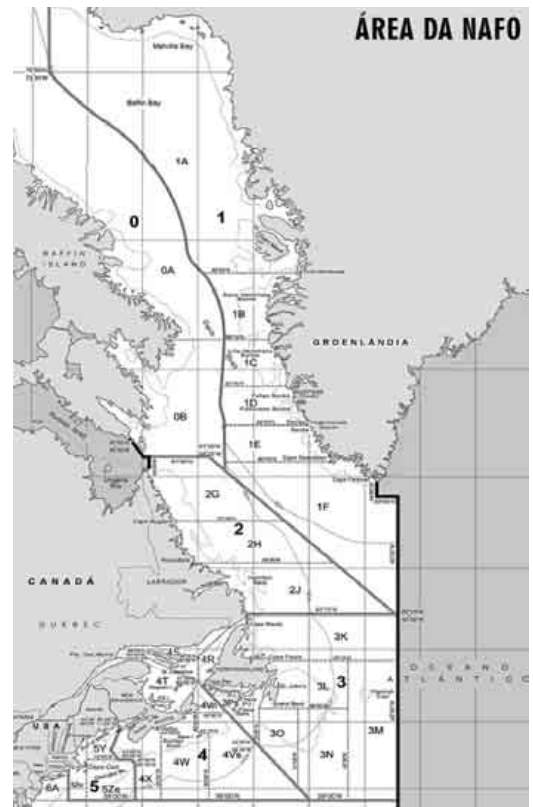
Mas o interessante produz-se durante o tempo que dura a costeira. As diferenças entre as primeiras vendas e as últimas som abismais. Em Burela, na primeira semana desta campanha de 2005, pagou-se o quilo a 7,86 euros, e na última semana de Setembro os pagamentos médios fõrom de 2,91 euros. O motivo destas variáveis é que no princípio da costeira nom há peixe avondo, enquanto que nos últimos dias a oferta é muito maior.

Todo este movimento monetário, essa facturaçõn registada no

cais burelao, nom compensa muito o esforço realizado polos barcos. As greves nas lotas do día quatro de Outubro, deixáron em evidéncia o que era conhecido por toda a gente. O aumento no preço do carburante tamén chegava á frota boniteira. Todo o mundo está de acordo. O actual preço do gasóleo, que rondaria ou superaria os quarenta céntimos por litro (76 pesetas por litro), traduz-se num incremento de 80% com respeito a 2004. Os beneficios tirados das vendas de peixe nom cobren de maneira suficiente os custos que leva consigo a actividade piscatória.

#### Futuro

Actualmente, o ritmo de captura aumentou. Os motivos já se apontáron: o retorno de alguns barcos que tinham abandonado a actividade e a eliminaçõn das volantas que trouxo consigo o fim das hostilidades entre boniteiros tradicionais e volanteiros. Tudo isto soma-se a um crescimento da espécie, pois a desapareçõn das redes pelágicas fijo com que os bancos de bonito recuperassem volume. As capturas, segundo estimaçõs de armadores e de marinheiros, irám en aumento nos vindouros anos. Este aumento pode fazer com que a costeira do bonito recupere o peso perdido nos últimos anos, podendo converter-se em actividade complementar de outras actividades.



A Organizaçom de Pescas do Atlântico Noroeste (NAFO) vela polo “bom uso, captura e comercializaçom” do peixe nesta área

## O conflito do Fletám e a NAFO

A situaçom dos barcos galegos no exterior passa agora por un momento delicado. A frota congeladora está a ser assediada nas águas internacionais da Organizaçom de Pescas do Atlântico Noroeste (NAFO), a entidade que vela polo bom uso, captura e comercializaçom do peixe nesta parte do oceano. Esta impom quotas de capturas sob a pressom do Canadá e países afins. Com estas medidas pretende-se pressionar os galegos e portugueses, para que aos poucos deixem o lugar e a pesca do fletám. Navios de guerra, helicópteros e lanchas rápidas fustigam os barcos galegos para que abandonem a pesca. O Canadá, em recente visita do embaixador em Espanha à Galiza, declara que se podem resolver diferenças com a abertura do mercado canadiano aos produtos galegos. Na actualidade, os pescadores galegos som os que mais sofrem a limitaçom de capturas.

A frota congeladora está a ser assediada nas águas da NAFO, que impom quotas de capturas sob a pressom do Canadá e países afins. Pretende-se pressionar os galegos e portugueses, para que aos poucos deixem o lugar e a pesca do fletám

o Estado espanhol impom umha sangria económica os independentistas

**Neste país, dar a cara sae caro**

Colabora contra a repressom económica  
2091 0395 21 3040001337



# CULTURA

## ENTREVISTA

### Ángelo Pineda: "O Espaço Galego é um colectivo de intervençom na Catalunha"

IVÁN CUEVAS / Barcelona perfila-se como um dos centros económicos da actual Europa do capital. A afluência por esta razom de milhares de pessoas de todas as nacionalidades para a cidade mediterrânica torna inevitável que esta vire em caldo de cultura para a consciéncia e a organizaçom dos colectivos migrantes, que começam a situar-se à cabeça das reivindicaçom sociais neste canto da península. O povo galego, que nunca cessou de emigrar, nom fica fora deste movimento. O recentemente criado Espaço Galego dos Países Cataláns vem romper com a alienaçom de que tradicionalmente fizérom gala os Centros Galegos, propondo umha visom crítica e combativa da galeguedade na Catalunha. Falamos com um dos integrantes do mesmo sobre o que significa o Espaço Galego.

#### Quais som as origens e os objectivos do Espaço Galego?

Nasceu em Barcelona porque existiam grupos e colectivos galegos que estavam a trabalhar independentemente, e decidiu-se que era preciso coordená-los. Confluírom organizaçom vinculadas ao teatro, à rádio, aos restos de Nunca Mais Catalunha e algumas outras iniciativas que estavam a surgir. Os nossos objectivos som a criaçom de um espaço colectivo aberto para a intervençom política, cultural e social nos Países Cataláns e a difusom da realidade da Galiza na Catalunha, contribuindo também para o processo inverso: a difusom da realidade catalá na Galiza.

#### Como descreverias a realidade galega na Catalunha?

É bastante diversa. Poderíamos estabelecer um corte geracional entre a velha migraçom, que tem umha situaçom sócio-laboral mais estável e cuja integraçom na Catalunha já vem de bastante atrás, e umha nova migraçom, basicamente de gente nova e cuja situaçom sócio-económica é mais instável: padece a flexibilidade laboral, a precariedade e os problemas da habitaçom que também sofre a juventude catalá. E esta nova migraçom conflui também com a segunda geraçom de galegos estabelecidos na Catalunha.

#### Qual é a visom predominante da Galiza nos Países Cataláns?

Reproduzem-se um pouco os



Ángelo Pineda é membro do Espaço Galego.

estereótipos que sempre tenhem acompanhando os galegos e as galegas. Parte do trabalho consiste em romper com esses preconceitos e demonstrar que a nossa é umha sociedade complexa, dinâmica, plural... que a realidade política da Galiza nom é um reflexo da realidade social.

#### A actividade do Espaço Galego nestes momentos está reduzida ao âmbito do Principado da Catalunha ou abrange o conjunto dos Países Cataláns?

Basicamente está reduzida ao âmbito de Barcelona. Porém, já existem nom apenas contactos, mas gente que está organizada no País Valenciano e mesmo algum contacto nas Ilhas Baleares. O objectivo da vindoura assembleia

geral é articular umha fórmula de organizaçom para um território tam extenso como é o dos Países Cataláns.

#### Que tipo de relaçom tem o Espaço Galego com organizaçom catalás?

Ainda é um pouco cedo para valorizá-las. Até agora reduziu-se a umha troca de informaçom, a cessor de espaços para a realizaçom das nossas actividades, como o Ateneu La Torma, CEPC... Pretendemos que essas relaçom sejam mais constantes para integramo-nos completamente na rede de organizaçom e movimentos sociais cataláns. De facto, participámos, no dia 11 de Setembro, na IV Mostra d'Entitats dels Países Cataláns.

## ENTRE LINHAS

### Misérias do audiovisual galego

#### Das co-produçom (I)

COMBA CAMPOY,  
XIS COSTA  
e ALBERTE PAGÁN

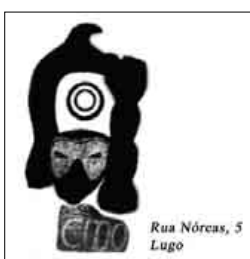
Para analisar e reflectir sobre o chamado "audiovisual galego" talvez tivesse sido oportuno começarmos pola definiçom de tam discutido termo, mas, precisamente por ser assunto intrincado, preferimos umha soluçom pragmática: deixemos que o "audiovisual galego" tome corpo ou visos de possibilidade ao longo desta série de artigos que aqui encetamos ou, polo contrário, que a nuvem de fumo e mentiras em que assenta se dissolva mercê dos comentários aqui plasmados. Esperamos que, em qualquer caso, a reflexom sobre a (in)existéncia do conceito venha a ter consequéncias no nível da açom e da construçom de algo baseado na criaçom de identidade e os e as profesionais galegas cuja denominaçom já se decidirá mais adiante.

Longos anos de impolítica audiovisual por parte da Junta da Galiza, baseada, em grandes traços, no aspecto quantitativo e no crescimento acelerado e desestruturado do sector, conduzírom a umha situaçom aberrante no caso concreto das ajudas à produçom de vídeo e cinema. Nom é preciso mais que dar umha vista de olhos às diferentes convocatórias, desde a sua primeira ediçom em 1988, para nos apercebermos da evidente ausência de umha linha clara e coerente de apoio à criaçom de um tecido audiovisual galego baseado em ideias e profesionais próprios e próprias.

Detenhamo-nos na última convocatória, outro dos inúmeros méritos do 'ex' Pérez Varela. As derradeiras subvençom do seu mandato, concedidas pouco depois da derrota eleitoral do

PP, incluírom o apoio à produçom audiovisual em língua galega, aberto a projectos de curtas, longas, animaçom, telefilmes, documentários e capítulos piloto de séries de televisom. Tal amálgama numha só convocatória é a primeira mostra de umha falta total de critérios e de interesse em promover os conteúdos e os e as profesionais do País. Basta reparar nas condiçom para aspirar ao subsídio: as empresas produtoras nom tenhem que ser galegas, mas simplesmente contar com umha agência de representaçom na Galiza. A geraçom de emprego entre profesionais da Galiza (técnicos e técnicas, actores e atrizes, chefes ou chefas de equipa durante as rodagens) será valorizada positivamente, mas nom constitui um critério de exclusom, da mesma maneira que os contributos para os valores culturais da Galiza. Quanto às gravaçom, só 25% deverão desenvolver-se, obrigatoriamente, no território galego.

Sabemos aonde conduz esta política de apoio ao "sector estratégico" do audiovisual. Embora os meios de comunicaçom oficiais teimem em falar de um crescimento sem precedentes na produçom de filmes 'galegos', a preséncia de profesionais e ideias galegas é testemunal na grande maioria deles. A tendéncia dos principais representantes empresariais do sector a buscar o risco zero (algo insólito num empresário) por cima dos interesses artístico-culturais, também contribuiu em grande medida a que a Galiza se convertesse no "paraíso das co-produçom". Mas dos dinossauros do audiovisual galego falaremos na próxima ocasiom.





## BD Banda ganha também o prémio Ourense de banda desenhada

*O colectivo recebe este novo sucesso com mais projectos editoriais e maior profissionalização*

ALONSO VIDAL / No dia 14 de Outubro o colectivo da revista *BD Banda* recebeu o XV Prémio Ourense de banda desenhada. Outorgado pola Casa da Juventude e o Pelouro da Cultura, este prémio distingue o melhor trabalho a favor da banda desenhada. E está dotado com umha estatuetinha realizada expressamente polo artista Manolo Figueiras. A distinción soma-se à obtida este mesmo ano no *Saló del Cómic de Barcelona* como o melhor fanzine de BD e implica, para os autores, um reconhecimento explícito do seu dilatado labor em prol do prestígio desta arte.

Germán Hermida comenta-nos que após a publicação em Maio do número 6 da revista e, no passado mês de Agosto, de *'Tito Longueirão, Deportista'* (Pinto e Chinto), tenhem em andamento

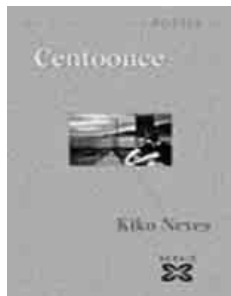
a dupla edição simultânea do álbum *'Astro'* do madrileño Javier Olivares, em espanhol e em galego, que inclui, além de muitos conteúdos extras, umha ampla entrevista ao autor. Trabalham também na edição para o mercado espanhol de *'Fix nos Biosbarrios'* de Kiko da Silva. Participáron nas jornadas de Ourense desenvolvidas até o 15 de Outubro, na exposição *'BD Banda'*, que já se pudo ver em *'Vinhetas desde o Atlántico'* e que continuará o seu percurso pola geografia ibérica, e están envolvidos na melhoria e reestruturação da sua web [www.bdbanda.com](http://www.bdbanda.com), que pretendem manter em constante actualización.

Fiéis ao seu espírito inicial, o sucesso obtido ultimamente em vários frentes nom lhes impede dedicar esforços à dinamização da BD; e nesta linha mantemem contactos com diferentes institui-

ções, para desenvolverem actividades ao redor do mundo do desenho em banda. Afirmam, por exemplo, estarem à disposição da Junta e da Mesa na campanha a favor da galeguização de Astérix, contribuindo com o seu conhecimento sobre o tema, ao mesmo tempo que recebem, nos últimos meses, diferentes propostas de publicação, tanto de autores galegos como foráneos, que están a negociar. No aspecto empresarial destaca o projecto de professionalização da revista prevista para a próxima Primavera, que contará com a colaboração de *Kalandraka*. Nessa altura também esperam ter pronta a edição de umha compilação de histórias da revista em espanhol. E prometem ainda mais cousas, que se ham de conhecer em breve e que pretendem revolucionar o panorama da BD do País.

## Kiko Neves apresenta o seu poemário Centoonce

SOLE REI / *Centoonce* som, efectivamente, cento e onze poemas. Versos singelos na forma, nos quais é fácil sentir-se reflectida pola quotidianidade da temática, e que sabem chegar, desta maneira, ao mais fundo das sensações do dia-a-dia. O vazio polo trabalho insatisfatório, o sentimento de absurdo vital, as dificuldades na comunicação com os demais, a incapacidade de amar, o medo e a incertidume frente ao futuro... A contradição entre forma e fundo, em definitivo, que Kiko Neves reflecte duplamente neste



poemário; por um lado nos conteúdos, que falam do eu interior mais melancólico por trás da sóbria fachada da existência

comum, e por outro na forma, com a qual o ponte-areao consegue que a leitora nom fique indiferente sem necessidade de grandes metáforas nem filigranas metalingüísticas.

O volume, que foi editado por Xerais neste Verao, ainda está a ser apresentado polo seu autor, que tinha publicado já com anterioridade os poemários *Ruído de Motos* e *Un Poema de Amor*, assim como a obra narrativa *Un Baile de Moseas*, com a qual se apreciam, por outra parte, proximidades temáticas e formais, constituintes do encanto da escrita nevada.

### TABELA CULTURAL

#### UM DISCO...

*Hepta*, um dos melhores trabalhos de Berroguero. Treze temas em homenagem ao número sete; hepta (7) som os elementos do grupo e hepta (7) é o número mais mágico da natureza. (Boa Music)

#### DOUS WEBS...

[www.va-ca.org](http://www.va-ca.org), o web da organización decana do movimento retransneiro galego; ridículismo anti-colonial mugido nesta Galiza submetida ao Império Pequeno.

[www.bdbanda.com](http://www.bdbanda.com), o site do colectivo BD Banda, meio de expresión e plataforma de lançamento dos autores e autoras de banda desenhada do nosso país.

#### E DOUS LIVROS...

*Centoonce*. Formas singelas para reflectir o mais profundo da quotidianidade neste novo livro de poemas do nosso colaborador Kiko Neves. (Xerais)

*Espiral de Lideiras*. Primeiro romance do luso-galego-brasileiro Xurxo Estévez, um activista da arte de intervenção que viaja da Galiza a Creta, passando pelas suas teimas. (Espirai Maior)

**Livrarias Colaboradoras:** Torga (Ourense), A Palavra Perduda (Compostela)

## PORTAL GALEGO DA LINGUA (www.agal-gz.org)

### GALIZA existe

MIGUEL R. PENAS

*SOMOS DECEPCIONADOS POR AQUELES QUE PARTILHAM A PROCURA DESTA DIGNIDADE. AGORA SÓ RESTA APRENDER DESTA PEQUENA DERROTA E CONTINUARMOS A FAZER PAÍS*

Certamente, existe. Como palavra só é o nome do nosso país. O nome histórico e correcto, conservado nas falas galegas ao sul do Minho. Recuperado pola tradição literária galega do século XIX e empregado politicamente polo nacionalismo desde os anos 20 do passado século. Esta última acepção é a que traz problemas, sobretudo para os sectores mais espanholistas que há na Galiza.

Quando o governo galego afirmou que nas camisolas da seleccção galega de futebol se poderia ler "em letras grandes e claras" o nome correcto do País, houvo reacções contrapostas. Para muitos, isto nom era mais do que umha mostra de dignidade. Outros atacavam esta dignidade porque sabiam o

que isto significa politicamente. A *Galiza* orgulhosa frente à *Galicia* submissa, mais umha vez. Finalmente, *Galiza* nom será utilizado após as pressions do espanholismo mais rançoso, nomeadamente de *La Voz de Galicia*. Umha primeira decepção para os que tentamos, dia-a-dia, construir-mos um país digno.

Além disso, somos decepcionados por aqueles que partilham a procura desta dignidade. Agora só resta aprender desta pequena derrota e continuarmos a fazer País.

Galiza tem de estar presente a 29 de Dezembro, se nom for nas camisolas dos jogadores será nas nossas. Tem de ser um dia de festa, mas também um dia para mostrar ao mundo que GALIZA existe.

## ARROZ COM CHÍCHAROS

### Frango recheado frio

JOANA PINTO /  
**Ingredientes (4 pessoas):**  
*1 frango de 1 kg, aproximadamente, sem osso, 1 kg de carne de vitela picada, 4 salsichas frescas, 2 ovos, 2 fatias de pam de forma molhadas em leite, 1 copo de xerez, sal, pimenta negra e branca e um pouco de manjericom.*

Batem os ovos numha tigela, acrescentando pimenta branca, sal, manjericom e xerez. A

seguir, tiramos a carne das salsichas e acrescentamo-la à tigela junto com a carne picada e o pam, amassando tudo muito bem. Depois lavamos bem o frango, cosemos pola parte superior e recheamos. Cosemos muito bem e atamos para que fique com a forma do frango. Polvilhamos com sal e pimenta negra e metemos no forno quente. Podemos servi-lo frio ou quente, com salada verde.

Soluções TEMPOS LIVRES:

Alpaca // 5 - Pregoira // 6 - Balaia (azul) // 7 - Barata // 8 - devahar // 9 - Lúa // 10 - Frangim // 11 - Alfaca // 12 - Balaia (verde) // 13 - Balaia (verde) // 14 - Balaia (verde) // 15 - Balaia (verde) // 16 - Balaia (verde) // 17 - Balaia (verde) // 18 - Balaia (verde) // 19 - Balaia (verde) // 20 - Balaia (verde) // 21 - Balaia (verde) // 22 - Balaia (verde) // 23 - Balaia (verde) // 24 - Balaia (verde) // 25 - Balaia (verde) // 26 - Balaia (verde) // 27 - Balaia (verde) // 28 - Balaia (verde) // 29 - Balaia (verde) // 30 - Balaia (verde) // 31 - Balaia (verde) // 32 - Balaia (verde) // 33 - Balaia (verde) // 34 - Balaia (verde) // 35 - Balaia (verde) // 36 - Balaia (verde) // 37 - Balaia (verde) // 38 - Balaia (verde) // 39 - Balaia (verde) // 40 - Balaia (verde) // 41 - Balaia (verde) // 42 - Balaia (verde) // 43 - Balaia (verde) // 44 - Balaia (verde) // 45 - Balaia (verde) // 46 - Balaia (verde) // 47 - Balaia (verde) // 48 - Balaia (verde) // 49 - Balaia (verde) // 50 - Balaia (verde) // 51 - Balaia (verde) // 52 - Balaia (verde) // 53 - Balaia (verde) // 54 - Balaia (verde) // 55 - Balaia (verde) // 56 - Balaia (verde) // 57 - Balaia (verde) // 58 - Balaia (verde) // 59 - Balaia (verde) // 60 - Balaia (verde) // 61 - Balaia (verde) // 62 - Balaia (verde) // 63 - Balaia (verde) // 64 - Balaia (verde) // 65 - Balaia (verde) // 66 - Balaia (verde) // 67 - Balaia (verde) // 68 - Balaia (verde) // 69 - Balaia (verde) // 70 - Balaia (verde) // 71 - Balaia (verde) // 72 - Balaia (verde) // 73 - Balaia (verde) // 74 - Balaia (verde) // 75 - Balaia (verde) // 76 - Balaia (verde) // 77 - Balaia (verde) // 78 - Balaia (verde) // 79 - Balaia (verde) // 80 - Balaia (verde) // 81 - Balaia (verde) // 82 - Balaia (verde) // 83 - Balaia (verde) // 84 - Balaia (verde) // 85 - Balaia (verde) // 86 - Balaia (verde) // 87 - Balaia (verde) // 88 - Balaia (verde) // 89 - Balaia (verde) // 90 - Balaia (verde) // 91 - Balaia (verde) // 92 - Balaia (verde) // 93 - Balaia (verde) // 94 - Balaia (verde) // 95 - Balaia (verde) // 96 - Balaia (verde) // 97 - Balaia (verde) // 98 - Balaia (verde) // 99 - Balaia (verde) // 100 - Balaia (verde)



## DE BASE

## Centro Social Atreu

## “Superando a oferta lúdica, procuramos formação participativa”

ANTÓN SANTOS / Em menos de um ano, o C.S. Atreu tem-se convertido num referente de primeira ordem para o tecido associativo e os sectores mais inconformistas da Corunha. Acumulando forças e combinando as experiências de diferentes famílias políticas e sociais, deste local de Monte Alto surgem inúmeras iniciativas que se rebelam contra o localismo espanholista e a passividade dominantes na segunda cidade da Galiza. Ivám, Joám e Tone informam-nos das perspectivas de trabalho e das expectativas geradas.

“Tudo começou –diz-nos Tone– quando um grupo de militantes da AMI pretendêrom abrir um espaço libertado na Corunha, inspirando-se no que já por entom era um modelo em auge pola Galiza adiante.” Joám esclarece que a virtude dos centros sociais “é superar as dependências políticas e partidárias; por isso, este núcleo inicial logo se ampliou e procurou apoios em redes mais amplas”.

Tone acrescenta que “com efeito, chegamos a gente muito diferente do independentismo e da esquerda corunhesa, até conseguirmos funcionar em assembleia aberta, o que, achamos, favoreceu a confiança mútua e a implicação real das pessoas. Daí que no Atreu participem na actualidade muitas pessoas sem filiação, militantes de BRIGA, AMI ou membros d’A Deriva.

Ao lhes perguntarmos em que fase se acha o centro, nom duvidam: “superamos umha etapa inicial de mera ‘subsistência’, recolha de fundos e organização de concertos”, afirma Joám. Hoje procuram diversificar as actividades realizadas, envolver no Atreu novos sectores políticos alternativos “sem mais barreiras que a assunção da questom nacional e a defesa da língua”, e nomeadamente conectar com a mocidade com mais algo que a “simples festa”.

Ivám é informático amador e um dos responsáveis polo funcionamento, em pleno centro social, de um pequeno ciber



Os membros de Atreu que falárom para o NOVAS DA GALIZA

gratuito e de um servidor para movimentos sociais corunheses. Como responsável polo ‘laboratório de informática’ do Atreu, incide na necessidade de ‘promover a alfabetização informática dos e das activistas populares, mas sempre de umha pers-

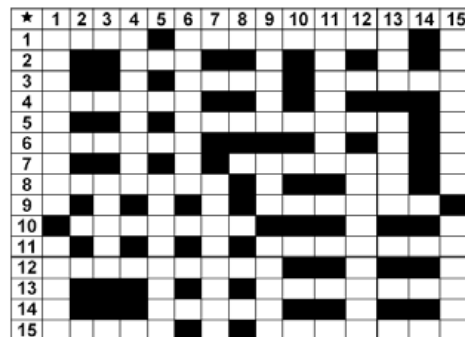
**HOJE PROCURAM  
DIVERSIFICAR AS  
ACTIVIDADES  
REALIZADAS,  
ENVOLVER NO ATREU  
NOVOS SECTORES  
POLÍTICOS  
ALTERNATIVOS “SEM  
MAIS BARREIRAS QUE  
A ASSUNÇÃO DA  
QUESTOM NACIONAL  
E A DEFESA DA  
LÍNGUA”**

pectiva participativa’. Na actualidade, está a trabalhar para espalhar a utilização de Linux, com a perspectiva de abrir-se ao resto do bairro. “Num futuro próximo, aguardamos manter um servidor mais amplo e, se for possível por questons de segurança, descentralizar indymedia-Galiza, dada a importância que estão a ter os meios de comunicação alternativos para projectos como o nosso.”

“O espaço está já assente, conclui Joám. Já se nos pede o centro para a realização de actividades por parte de entidades de diferente tipo; agora, do que se trata é de dinamizarmos o projecto implicando-nos no bairro e oferecendo formação a sério em todos os campos, da história à sexualidade, passando pelas drogas”.

## TEMPOS LIVRES

## PALAVRAS CRUZADAS, por Alexandre Fernandes.



**HORIZONTAIS:** 1a.- Mamíferos cervídeos que puxam do trenó dessa personagem do Natal inventada pola Coca-Cola; 1b.- Mamífero marsupial que salta ou anda aos pulos; ícone da Austrália (plural). // 2.- Cobriu o sol durante o eclipse anular. // 3a.- Moeda do Brasil; 3b.- Transferir (a outrem) direitos, posse ou propriedade de alguma cousa; entregar, dar. // 4.- Mamífero da família dos camelídeos, menor que a lhama ou lama, frequente no Peru e na Bolívia. // 5.- Mamífero arbóreo cuja nome é tirado da sua característica lentitude de movimentos. // 6.- Mamífero marinho; o maior de todos os animais. // 7.- Insecto ortóptero, omnívoro, de cor preta e hábitos nocturnos, que ninguém quer nas suas vivendas. // 8.- Baixar a maré ou descer o caudal de um rio / minguar a lua ou a luz do sol. // 9.- Bater com a cabeça ou testa / teimar. // 10.- Ave marinha que nada com as suas asas como se fossem barbatanas. // 11.- Pequeno vale / Apellido do pintor e desenhador de cenários para teatro ou cartazes de todo o tipo, pai do Isaac Dias Pardo. // 12.- Que gosta do teatro / comediante; exagerado. // 13.- Alívio, presunçoso, arrogante. // 14.- Cordeiros. // 15a.- Mamífero omnívoro em perigo de extinção, que na Galiza se acha actualmente recluído nas zonas montanhosas orientais (Ancares, Cautrel ou Vál do Rio Íbias;

15b.- Filho de Agamenon e Clitemnestra, e irmão de Electra / Personagem de um romance de Álvaro Cunqueiro.

**VERTICAIS** 1a.- Diz-se da pessoa penteada com gel para manter o cabelo húmido; 1b.- advérbio, irreflexivamente; feito sem reparo. // 3a.- Comarca e concelho galego banhado polo rio Eu. // 4.- Manada de Lobos. // 5.- Larvas dos insectos lepidópteros; a primeira fase da vida das borboletas até a metamorfose em crisálida (plural). // 6.- Revestimento duro que protege o tronco de cágados e tartarugas. // 7.- Depreciativo ou diminutivo de rei. // 9a.- Sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos e presos políticos da União Soviética, muitas delas vítimas das perseguições de Staline; 9b.- Siglas ou Abreviatura d’A Nosa Terra / formiga em inglês; 9c.- Pronome. // 11.- Quantidade recebida ou arrecadada produto das vendas; renda; Indicação escrita de umha prescrição médica. // 12.- Que causam terror (os comentários ao Estatuto); Fatais, Horrosas... // 13a.- Sociedade Anónima Desportiva; 13b.- Ave da família Psittacidae, como os papagaios, periquitos, maitacas e cacatuas que tanto abundam no Brasil. // 15a.- Apellido do escritor de língua galego-portuguesa ganhador do Nobel de Literatura; 15b.- Temos provas delas no Caraminhal, Trives, Brohrom ou Várzim e Lanhoso...

## DESCOBRIR O QUE SABES... por Salva Gomes.

- Em que ano vem a lume *Folhas Novas*, clássico galego de Rosália de Castro, editado pola Associação Galega da Língua (AGAL)?  
- 1980 - 1985 - 1988
  - Que Olimpíadas registam unicamente a participação de dous países africanos?  
- Tóquio 1964  
- México 1968  
- Montreal 1976
  - De onde é o ex-ciclista galego Álvaro Pino?  
- Ponte Areias  
- Salvaterra do Minho  
- Porrinho
  - Quem organizou a que ele denominou a “guerra necessária”?  
- Bolívar  
- Ernesto Guevara ‘Che’  
- José Martí
  - Em que ano realiza o circo de Bemposta a sua primeira digressom pola Europa?  
- 1970 - 1974 - 1981
  - O outro Desenvolvimento é um livro de...?  
- López Suevos  
- Suso de Toro  
- Carlos Reigosa
- (Soluções na página 17)



## DESPORTOS

# "Se o novo governo nom constrói um circuito de velocidade, seria umha fraude para nós"

ENTREVISTA A PEDRO LORENZO VIDAL, MOTOCICLISTA PARTICIPANTE NO TROFEU NACIONAL PORTUGUÊS DE MOTOS ANTIGAS LIVRES

**ALONSO VIDAL / O seu nome é Pedro Lorenzo Vidal. Embora nascido em Vigo, depois de casar voltou à terra de seus pais, Souto Maior, onde tem dous filhos. Sempre gostou das motos e da velocidade, mas nunca tivo meios económicos para desenvolver a sua paixom. Agora, com mais recursos, já pode preparar umha motocicleta para**

**competir. É relativamente antiga, pois concorrem no campeonato de 'antigas livres', em que é permitido participar com qualquer motocicleta de qualquer cilindrada, com tal que seja anterior ao ano 1988. Ele e o seu companheiro conseguírom umhas deste tipo, que por enquanto som bastante acessíveis, e pugérom-se a correr.**

**Mas, como em tantas outras cousas, na Galiza nom chega com vontade e trabalho, pois só é possível participar num campeonato que implica um investimento económico muito elevado e até patrocínio. Decidírom entom concorrer em Portugal. Ao pé da moto, na garagem que temem neste concelho viguês, isto foi o que o Pedro nos contou.**

**E tu nom contas com patrocínio?**  
Conto. Com o da Baiuca do Turco, de Souto Maior, que me ajuda nos deslocamentos até os diferentes lugares de competiçom.

**Umha paixom desde pequeno...**  
Desde pequenininho. Sou o mais novo de cinco irmaos. Trabalho de carpinteiro, mas as minhas lembranças já som de motos desde muito novinho. Enquanto nom tive moto, passava a vida a andar de bicicleta. À bola, nom lhe sei nem dar.

**E na Galiza, tem muitos adeptos este desporto?**  
Devia ter. Se houvesse umha infra-estrutura mínima... com um circuito de velocidade, por exemplo. Mas ainda nom há nenhum. Fala-se do das Neves, do de Verim, também de um no concelho de Paços de Borbém, mas ainda nom há nada definitivo. Esperemos que agora, com o novo governo, as cousas mudem. A Galiza nada tem que invejar à Catalunha, porque na ali há vários circuitos, e aqui nenhum... mas repara que na Galiza há muitas vendas de motocicletas e os seguros som mais caros. É um deporte acompanhado por muitas pessoas. E nom só para o ver, mas também para participar. De facto, no circuito de Braga organizam-se e vam lá muitos galegos. Som cursos de velocidade. As pessoas podem ir com as suas motos particulares. Mostram-che o percurso e já



Pedro Lorenzo, à direita, junto a David Guzmán. Os dous participam no Trofeu Nacional de Motos Antigas Livres de Portugal, onde ocupam a 3ª e 10ª posiçom neste momento.

podes tu desfrutar da velocidade num lugar seguro. Observa que as motos que se vendem hoje em dia som verdadeiras máquinas, muito potentes, que podem alcançar velocidades muito altas, algo impensável numha rua ou na estrada. Portanto, ou treinas num circuito ou nom podes desfrutar da moto nunca; aliás, com circuitos de velocidade, reduziria-se o risco nas estradas. Há tempo que estamos a reivindicar com um autocolante um "circuito galego já" e sabemos que nalgum

momento chegará. É preciso continuar a reivindicar. Se o novo governo nom o constrói, seria umha fraude para nós.

**Entom achas que é preciso ir a Portugal para praticar motociclismo?**

Obrigatoriamente. Há um circuito pequenininho em Mosteiro e já estão a falar em fechá-lo. Um país pequeno como Portugal tem dous ou três circuitos é tem muitos adeptos. E ainda bem que nos permitem correr ali. A Federação galega tem contactos com a portuguesa; daí que nos facilitem a participação.

**Fala-nos da competiçom portuguesa em que participas?**

Nós nom sabíamos onde competir. Soubemos da existência em Portugal do Trofeu Nacional de Motos Antigas Livres, e lá fomos com umha CBR 6000 do ano 88 e muita vontade de participar. Sem mais objectivo que desfrutar do nosso desporto. Eu e David

Guzmán, também de Souto Maior. Segundo o regulamento, a moto tem de ser de série e é verificada antes de concorrer. Nós mesmos nos encarregamos de tê-la sempre pronta.

**E nom tendes que fazer qualquer tipo de curso? Qualquer pessoa pode apresentar-se lá e participar?**

Normalmente há umhas provas prévias onde cada piloto há de atingir uns tempos mínimos para participar, ou nom o deixam correr. As corridas que nós fazemos som do mesmo tipo das que dam na televisom de GP, só que as motos som antigas e os pilotos nom som conhecidos.

**E a classificaçom... em que posto estades neste momento?**

Eu vou terceiro e o David décimo. Só resta umha corrida no fim deste mês no Estoril.

No campeonato pode acontecer ainda qualquer cousa. Pode ser primeiro, segundo ou quarto.

**Poderias ser campeom. É normal que um galego seja campeom português de velocidade?**

Nesse caso, mesmo os companheiros portugueses ficariam espantados. Pensa que eles todos levam a Yamaha FZR1000, umha máquina 40 cv mais potente do que minha, que é inferior. Ainda assim podom chegar a campeom. Legalmente nom há nenhum problema, já que deixam participar os galegos.

**E depois deste campeonato, quais as expectativas imediatas?**

Voltar para o ano. Aqui nom há muitas expectativas. Umha equipa portuguesa ofereceu-me umha moto para correr o ano que vem mas, na Galiza, participar com umha equipa é muito mais complexo. Ainda que, obviamente, nom descarte nada. O problema é que já nom sou muito novo: tenho 32 anos. Esperemos que comece a haver provas na Galiza para poder participar. Também tenho pensado ir correr a La Bañeza, com umha de 125 cc. Tenho um filho de 14 anos que gosta do motociclismo e vou ver se tem possibilidades lá.

**Há quem critique este desporto em relaçom ao modelo de consumo que implica, dando-se mais importância à máquina do que ao próprio desportista...**

Para mim, nom é certo. Eu estou na classificaçom nos primeiros postos com umha máquina inferior à dos meus competidores. Nós podemos fazer um campeonato inteiro com o dinheiro que custa umha motocicleta nova de rua. Preferimos nom comprar umha moto nova, que pode andar polos 10.000 euros, e arranjamom umha antiga que preparamos no nosso tempo livre. Ontem mesmo [pola noite do sábado] estivemos aqui, na garagem, até as cinco da manhã, arranjando-lhe o motor para podermos participar num campeonato. Isso nom é consumismo.

Mando Caamaño Anón



Cerâmica de Roda (em gris e porcelana)

Ventosa, Covas  
15884 AMES, Galiza  
981 892 069

<http://mcaamanho.cjb.net>



A tía teinda Roupa

MAL DIZER

Rosa Jesús Castro

Costura e mais  
Souto Maior (Covas)



| MIGUELANXO PRADO | ARGUMENTISTA E DESENHADOR |

## “A sociedade galega é experta em perder comboios”

ANTOM SANTOS / Reconhecido desde há anos como umha das figuras referenciais da banda desenhada europeia, Miguelanxo Prado ainda goza no nosso país de um eco relativamente reduzido, engrossando o contingente inacabável de 'talentos exportadores' que, por nom poder, nem podem publicar normalizadamente no seu próprio idioma. Vinca o auge da banda desenhada galega e lamenta-se do inadvertido de um 'boom' ignorado pelas instituições e mantido polo voluntarismo perseverante de umha mao-cheia de criadores. Continua a confiar no compromisso cívico da arte e assombra-se do corporativismo empobrecedor que ainda reina nalguns sectores.

### Depois de décadas na banda desenhada galega, poderias fazer um balanço em perspectiva?

O balanço é claramente favorável. Desde as primeiras e meritórias tentativas dos finais da década de 70, com o velho Grupo do Castro, até a eclosão de novos criadores do século XXI, a evolução é clara. Um caminho longo que ajudáram a transitar pessoas e colectivos como Suso Peña, Xaquín Marín ou a Frente Comixário.

### Quais as causas deste auge?

Diversas e afortunadas: coincidências geracionais combinadas com iniciativas institucionais -as Jornadas de Banda Desenhada de Ourense ou as Vinhetas desde

o Atlántico na Corunha-. É curioso que esta descolagem galega coincida com um certo declive no conjunto da Europa.

### Entendes que este processo foi acompanhado por um suporte institucional relevante?

Em geral, acho que nom. Fora das iniciativas locais antes ditas, a inibição é a tónica dominante. É curioso atender aos esforços para a promoção institucional do chamado 'cinema galego' em contraposição ao silêncio clamoroso mantido com a banda desenhada.

### A que se pode dever tal desinteresse?

A umha velha tradição da sociedade galega. Somos especialistas

em perder comboios. A banda desenhada, umha das novas linguagens artísticas que nos trouxe o século XX, barata no seu suporte, ferramenta fundamental para a socialização da leitura e a culturização da população, fica esquecida na Galiza precisamente quando vivemos a sua idade de ouro. Um paradoxo entre outros muitos.

### Incluis-te como 'víctima' desta desconsideração?

Incluo. O exemplo mais significativo desta situação som as dificuldades actuais para publicar em galego na Galiza, quando a minha obra anda polo mundo traduzida a catorze ou quinze idiomas.

### Face a essa visom tópica que associa a cultura de massas como produto intrascendente e de fácil digestom, detecta-se grande vocação crítica na tua arte.

Sim, é evidente. Considero-me um privilegiado por me dedicar a aquilo de que gosto e quero saldar a dívida que tenho com a minha sociedade oferendo reflexom, crítica e fiscalizaçom de

todos os poderes. Assim concebo o papel do criador.

### Criador subsidiado ou mantido polo seu público?

Considerado pelas instituições, dado o seu importante papel social, mas tampouco mantido gratuitamente em nome de nom sei que aura. Por outra parte, nom acredito no mercado, mas sim nos veredictos colectivos. O público é quem deve decidir sobre umha obra.

### Foche das poucas vozes claramente posicionadas contra a continuidade do projecto da Cidade da Cultura...

Das poucas vozes do mundo da cultura, mas exprimim o sentir comum e maioritário da sociedade galega. Nom cumpre provar com números o despropósito de umha obra que hipoteca no futuro grande parte da nossa produção cultural. É um despropósito, nem a Alemanha ou a França conseguiriam manter tal infraestrutura. Mas o pior é o consenso que suscita no mundo cultural, ainda reina um corporativismo que apavora.

## O caldo da tia Eudósia

◆  
XAN CARLOS ÁNSIA  
◆

Eram tempos de pós-guerra, fame e repressom franquista. Na cozinha fervia umha pota, das maiores. Arrecendia a unto, a berças e a chourigo. Sentados à mesa, umha numerosa prole de filhos, sobrinhos e outros comensais de última hora. A louça dos domingos, a toalha de mesa de filigranas douradas e as colheres, trazidas de Cuba, eram de prata. A tia Eudósia, antes de começar a servir o caldo, sempre perguntava ao comensal: de onde queres que che bote? Da cima, do meio ou do fundo? Como muito, e pondo muita vontade e ilusom, faziam falta três dias para dar-se conta, de que dava igual o nível que se escolhesse. A carne, as batatas ou o naco de presunto, nom vinham do fundo. Tampouco boiavam na superfície. Nem muito menos chegavam ao prato, se a resposta escolhida fosse a do meio por isso de ficar bem. O caldo sempre tinha a mesma substância. A de estar feito de nada. Vamos ter equipa nacional de futebol da Galiza. Com camisola de bandas celestes, em diagonal e paralelo, que seica dam muito dinamismo visual. O escudo tem um fundo branco cruzado com umha faixa azul, feito assim com a intenção de "nom distrair da mensagem de dinamizaçom", cousa que podia dar-se se se utilizasse o próprio escudo galego. Para nom molestar com o nome de Galiza, optou-se pola denominação de 'selección galega' e se a cousa nom se torce, a primeira partida vai ser um amigável contra o Uruguai e no Estádio de Sam Lázaro, o que fora o campo de um hoje desaparecido Compostela. Para ver este jogo, podemos escolher entre Tribuna, Preferência e os Fundos. Igual nom fai falta chegar ao descanso para cair na conta, que no palco de autoridades está Francisco Vázquez Espanha, e de delegado de campo o Méndez Romeu que diz que nom quer que sejamos naçom. Para o pontapé de honra aconselhamos que se conte com Felipe Juan Froilán; tem um dos seus nomes em galego e os seus pais som Duques de Lugo. Mais substância, impossível.